

A Avenida

S. LUIZ, 19 DE SETEMBRO DE 1909

Assinaturas:

Capital | MENSAL 800 rs.
SEMESTRE 4.500 rs.
ANO 8.000 rs.
NUMERO AVULSO 200 RS.

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
—NOS—
ESCRITORIOS D'A REVISTA DO NORTE
—Praça João Lisboa—

Guimarães Passos



Faleceu em Pariz, para onde seguiu gravemente enfermo, Guimarães Passos, um dos grandes cultores das letras nacionais.

Nacido em Maceió, a 22 de março de 1867, depois de terminar o curso de preparatorios, Sebastião Guimarães Passos, foi para o Rio de Janeiro, em 1888, entrando para o funcionalismo. Seduzido pela vida jornalística, estreou-se na *Gazeta da Tarde*, fundando com Coelho Netto, Arthur Azevedo, Luiz Murat e outros a *Vida Moderna*, revista literaria, que se assinalou bastante no meio intelectual carioca. Com Olavo Bilac, criou *A Bruxa*, revista ilustrada por Julião

Machado. Colaborou nas principais folhas fluminenses, sendo redactor da *Gazeta de Notícias*. A revolta de 6 de setembro de 1893 empolgou-o; e da parte ativa por elle tomado, chegando a fazer parte da junta revolucionaria, que se estabeleceu no Paraná, lhe resultou ir para um exilio de ano e meio, na Republica Argentina, onde colaborou em diversos jornais e revistas portenhas.

Guimarães Passos teve a ventura de ver escolhida a letra do *Hino* do centenario do Descobrimento do Brazil, por elle composta, tendo havido, no seio da commissão julgadora, forte discussão em prol da primazia do seu trabalho.

Era membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Alem de diversas peças teatraes Guimarães Passos deixa os livros *Horas mortas* e *Versos de um simples*, aceitos pela critica sob os mais vivos aplausos.

E' do primeiro dos livros citados o soneto que se segue:

Eu, pecador

*Nas tuas horas de arrependimento,
Pensando em mim, o proprio amor maldizes.
E, revolvendo o peito nas raizes,
Falas até nas grades de um convento.*

*Do gôzo tiras o maior tormento,
Das dôres tiras as mais nêgras crizes.
Pois nos dias que somos mais felizes,
Eu leio tudo no teu pensamento*

*Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,
Deus me acena, formosa pecadora.*

*Bradas ao céu de mêdo, aos cêus eu brado;
Tu, pedindo perdão para o teu crime,
Eu, pedindo que aumente o teu pecado*

A AVENIDA

A AVENIDA será um semanario amigo de todos, velhos e moços, aparecendo a vizita-los aos domingos.

Nessa vizita dominical, falará de muita coiza. Ao mesmo tempo que irá contando novelas e romances, anedotas para rir e fazer pensar, dará conta dos acontecimentos da semana, mantendo um variado noticiario com interesse para a petizada e para os macrobios.

Procurando desempenhar a sua missão, sob a *forma sinjela*, o maior atrativo e encanto para espiritos que dezabrocham, sem excluir a *elevação*, indispensavel alicerce nas práticas dos velhos amigos com os injennos que de tudo precisam ainda ouvir.

Eis o delineamento d'A AVENIDA, que é mais uma *aspiração* do que um *programa*.

O CHILE—Passou hontem a data da emancipação politica do Chile, essa grande republica sul-americana afigura por excellencia do Brazil e que tem, actualmente, os mais inconcussos direitos a ser considerada a nação mais prospera do continente, além de possuir a hejemonia militar.

Nos ultimos mezes, violentos terremotos se tem manifestado com frequencia no sólo chileno, ocasionando numerosas victimas. E o Brazil sempre acompanha com sinceridade essas agruras que sofre a nação amiga.

Fazemos os mais ardorosos votos para que o Chile continue a progredir desempenhando efetivamente o papel que lhe compete no Pacifico meridional.

Fazer Avenida

Dizem os puristas, e neste numero nos contâmos, que a locução *fazer avenida* é um galicismo. E, realmente, acertam. Mas ha expressões, noutras linguas, que não encontram na portugueza uma correspondencia exata. Assim, do inglez *flirt*, Garrett creou o verbo *flirtar*. E a propria palavra *avenida* é nova em o nosso idioma.

A expressão *fazer avenida* não é, de modo algum, dissonante. Condiz perfeitamente com o ato que significa. Ver, admirar, ir, passear, percorrer, flamar, andar—são equivalentes de fazer, naquella acção. Vamos á avenida, vejâmos a avenida, admirâmos a avenida, passeemos pela avenida, percorrâmos a avenida, flahemos pela avenida, andemos pela avenida, façâmos, enfim, avenida, ou façâmos a avenida, isto é, dêmos a um recinto, qualquer que seja, mas vasto, as proporções que se dezejam num lugar amplo, que alegre pelo seu asjêto e nos sociabilize pelo seu movimento.

Em Madrid vae-se ao Prado, em Paris vae-se aos Campos Elizios, em Roma vae-se ao Corso, em Londres vae-se ao Hyde-Park, em Lisboa vae-se á Avenida, ao Campo-Grande, á Estrela.

No Rio tranzita-se pelas Avenidas. Central e Beira-mar, no Recife encaminhâmo-nos para o Derby, no Ceará vizitâmos o Passeio Publico, no Pará locomovemo-nos até ao Bosque.

E aqui em S. Luiz, podemos recrear-nos nas praças João Lisboa, Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Benedito Leite, nas avenidas Maranhense, Silva Maia e Gomes de Castro.

Não falta, nesta cidade, como vêem, por onde espalhar a vista. Tudo está em que haja muzica atraente, com repertorios seletos e variados, e, sobretudo, em que apareçam as cri-

anças, as senhoritas, os rapazes, as famílias, animando os nossos centros públicos de reunião, com o seu entusiasmo juvenil e com a sua composição simpática.

E estes elementos de éxito, estamos certos, manter-se-ão doravante, num crescendo animador, pondo na pacata S. Luiz um borborinho encantador, que extinguirá de vez os velhos hábitos de clauzura.—F.



Retas e Curvas

Interessantíssima a geneze dum jornal, duma revista:

Uma festa tradicional de largo, um jornal feito por ella, para ella, por cauza della, a idéa duns passeios dominicais, o éxito do primeiro desses passeios, um conjunto de circumstancias variâs, e eis uma revista!

Surje, aliáz, *A Avenida* como surjiram todas as grandes coizas civilizadas: da ação convergente do meio e da época.

Uns aplaudem-na pelo pendor natural que teem, de transmitirem á letra de fôrma, atravez da pena e das tiras, o proprio pensamento, o proprio feitiço intelectual e moral, estudando tipos, cenas, conjuntos, caracteres, costumes, civilizações, phenomenos, problemas.

Outros, e às vezes nos primeiros isso aje, porque podem dizer, impressas, coizas intimas, que, impressas, tomam corpo, tomam novo vulto, novo feitiço aos seus proprios olhos, e vai servir, assim, o jornal, de veículo, de poder condutor de pensamentos e sentimentos que ficam em segredo mesmo para aquelles que os lêem e os quais vão, no entanto, ser sabidos ou, pelo menos, advinhados, quase, pela inteliçencia e pelo coração a que se dirijem.

Tem, então, o jornal, por cauza desse, duas funções: uma, gentil, do

Domingos Barboza—Deputado estadual, notario, professor, jornalista, membro da Academia Maranhense, da Oficina dos Novos e... do «sistema» A aparição do seu formozo livro de contos *Mosaicos* foi auspiciosamente assinalada pela critica, no paiz e no exterior.

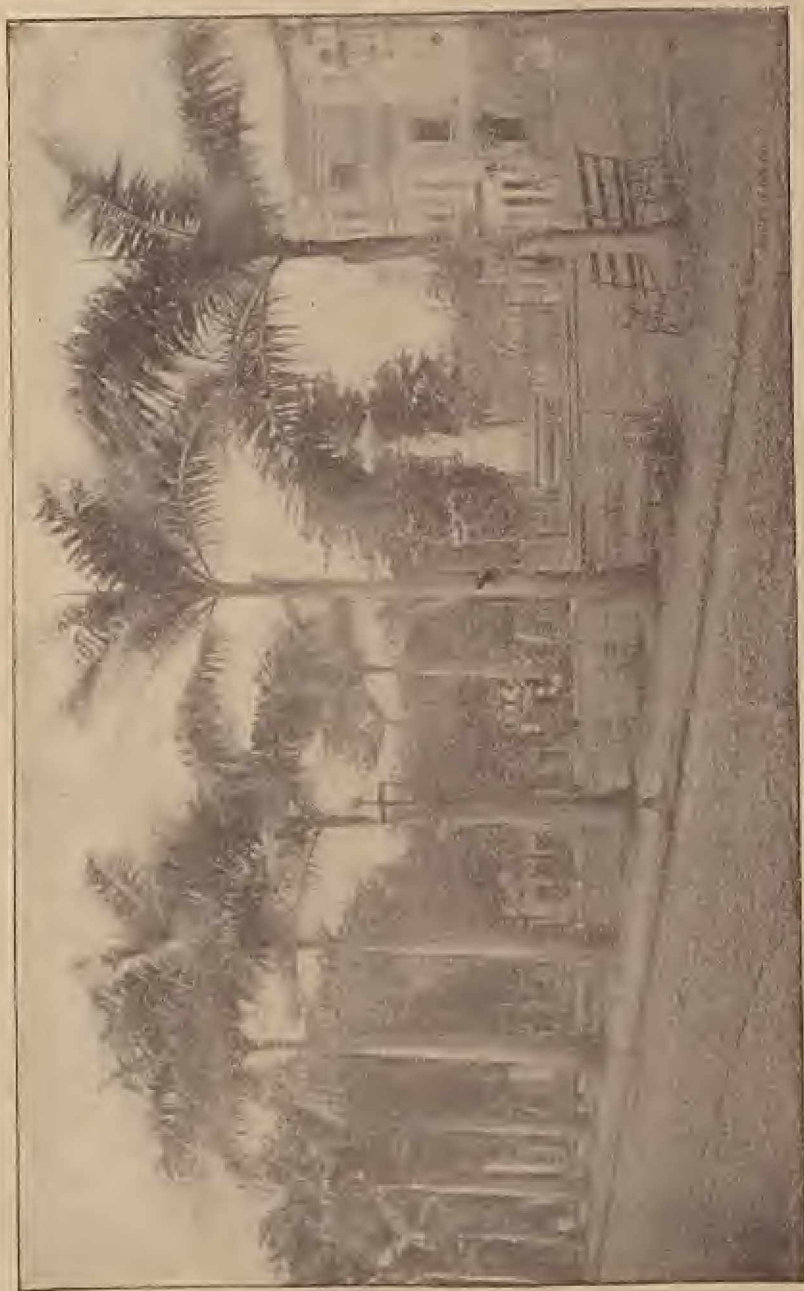
rechonchudo Eros dos gregos; outra, quaze-official, da repartição dos correios, com a vantagem económica de se não pagar o selo.

Ha, ainda, outros que aproveitam o ensejo para poderem fazer pilheria, vibrar a *causerie*.

Porque em todo individuo, mesmo em Machiavel, Heine, Schöpenhauer ou em algum Pangloss, ha sempre um Gavroche de nariz arrebitado, mãos atrás das costas, tendo no labio gaio a iminencia dum assobio.

Tem esse, tem o leitor, tenho eu, temos todos nós um sentimento que, pelo cunho local, só tem, e isso mesmo em linguagem trocista, um substantivo que lhe diga com verdade o ser: é *trepção*.

Uma revista é, pois, além de tudo mais que tem de bom, uma placa em que se imprimem com fidelidade as nuances intimas dos que a fazem, e que procura imprimir aí mesmo, com igual fidelidade, os seres estudados e o seu intimo...



S. LUIZ ANTIGA—Largo do Carmo



S. LUIZ MODERNA—Praça João Lisboa (Ant. L. do Carmo)

Largas messes de venturas prezidam ao surtir de *A Avenida*, que apparece neste luminoso Setembro azul, esfuziante desta arajem franca que remoja as arvores, arrancando-lhes as cans das folhas sêcas, e que se nos esqueira pelas narineas, enchendo-nos os pulmões de ar sadio, lavando-nos os olhos, a alma, o coração.

D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

Compadre

Eu faço meus votos
A toda a corte dos ceus,
Pra que esta carta lhe encontre
Com saude junto aos seus.

Em quanto aqui vou passando,
Como Deus quer e é servido,
Estrangeiro em minha terra,
Por todos desconhecido.

Assim p'ra matar o tempo,
Lembrei-me, meu bom amigo,
De, n'umas cartas ligeiras,
Dar um cavaco consigo.

Hoje começo com esta
Que é somente a introdução
De muitas que hei de fazer-lhe
Deste velho Maranhão.

A patria de Joaquim Serra,
De João Lisboa e G. Dias,
Parece agora resurge
Das suas monotonias.

Pois uns moços do Systema
Projectam fazer no seio
De nossas formosas praças
P'ras familias um passeio.

Fallaram aos poderes publicos,
Governador e Intendente.
Para lhes prestarem auxilio
Nesse tentamen attrahente.

Do gaz ao proprio gerente
—Inglez de primo cartello—
Pediram que illuminasse
O largo fazendo-o bello.

Deste modo o tal Systema
Tudo depressa moveu:

Ja no domingo passado
A praça cedo se encheu.

Das mais lindas Senhorilas
Desto Athenas decaida,
Trajando vestes ligeiras,
Sem chapéos de aba descida.

Fiquei, confesso, pasmado
Deante de um tal successo,
Que ja provou aos descrentes
Que tudo marcha ao Progresso

Nesta carta não lhe cito,
Muito de caso pensado,
Os nomes das senhorilas
Que eu vi domingo passado.

Passeando, alegres, chiques
Pela praça João Lisboa,
Na mais doce intimidade...
Compadre, que cousa boa!

Mandou pedir-me o Systema,
Por intermedio do Gomes,
Para nas minhas missicas
Das moças não citar nomes.

Mas qual, compadre, eu não posso
A tal capricho attender;
Qual é o moço que cala
Lindo nome de mulher?

Por isso a bolas o Gomes
Vá com o Systema tambem;
E noutra carta, garanto,
O nome de todos vem...

O systema de S grande,
De que acima lhe fallei,
Não é systema nervoso,
Mas, sim, de luzida Grey.

De moços que se dedicam
Ao estudo, meu compadre,
Como faz ahí na roça
Minha letrada comadre.

E com seus bellos talentos
Tudo fazem muito bem:
Livros, cronicas, poesias,
Mas, nenhum possui vintem.

Junto aos taes Job era rico,
Cada um veja a que é!
Quantas vezés, meu compadre,
Lhes tenho pago o Café!

Andam sempre todos promptos,
Trajam da Casa Teixeira,
Mas em fallando em arame.
Nem um vintem n'algibeira!

*Porém talento fallante
O systema tem de mais:
Em tudo me to o bedelho,
Jogando de Sota e Az.*

*Um delles, e um tal de Lobo,
O chefe da commandita,
Que faz aqui, nesta terra,
Uma figura bonita.*

*Tudo esse moço discute,
Compadre, e não é formado,
E sempre a luta termina
Deirando o outro surrado.*

*Dizem até, não sei se é certo,
Que não é muito creança;
Mas inda está, the asseguro,
Do talento na pujança.*

*Adeus, meu caro compadre,
Ja tenho muito fallado;
A' comadre dê lembranças
E um beijinho no afilhado.*

*E você quebre as costellas
Não tenha receio, não,
Do seu amigo saudoso*

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

A Avenida historica

A 14 de setembro de 1841, principiaram as obras do *Caes da Sagração*, hoje *Parque 15 de novembro*, e cuja conclusão acaba de ser embargada pela Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão.

68 anos de construção !!!

—A 20 de setembro de 1855, são o 1.º n. do *Diário do Maranhão*, sob a redação do dr. Antonio Rego.

O atual decano da imprensa maranhense é um dos mais antigos jornais do paiz; nessa primeira fez foi publicado até 30 de junho de 1858.

—A's 9 1/2 horas da noite de 14 de setembro de 1823, amotinam-se o povo e a tropa, em consequência de ter o governador das armas José Félix de Burgos sido declarado, por lorde Cockrane autoridade independente da junta, e ter aquelle mandado pren-

der a Rodrigo Salgado. Destituem-no do poder, substituindo-o pelo proprio Salgado.

No dia seguinte, a junta governativa reúne-se, em consequência dos acontecimentos da noite anterior, em assembléa geral. Então outras medidas, toma-se a deportar alguns portugueses que influíam na politica da provincia, pelo que tratam de retirar-se para bordo da náu do lorde e de outras embarcações surtas no porto, Antonio José do Carmo, João Christostomo Pagoni e outros. Estes forajidos, informando mal lorde Cochranne, concorreram para que este, no dia 16, bloqueiasse a ilha; mas, no dia seguinte, sabendo por um official inglez da esquadra que a cidade estava em perfeita tranquillidade, o lorde abre as comunicações, exigindo apenas da junta a nomeação de outro governador das armas.

—A 12 e 13 de setembro de 1831, o povo e a tropa amotinam-se e reclamam do presidente Araujo Vianna entre outras medidas, que julgavam garantidoras da independência e liberdade, a demitir dos empregos publicos os filhos de Portugal, ao que annuindo o governo, em sessão do Conselho do dia 13, a cidade se tranquilliza. A 18 vendo Antonio João Damaceno burladas as promessas do governo, levanta um grupo de insurgente, na vila do Itapecurú-Mirim, que para logo depõe as armas, mas perseguido o seu chefe, insurge-se de novo, para ir ser assassinado no Brejo, ás mãos da tropa governista, á qual se rendêra.

—A 16 de setembro de 1896 faleceu em Belem do Pará o insigne maestro brasileiro Carlos Gomes, autor do *Guarani*, *Tosca*, *Colombo*, *Salvador Rosa*, *Escravo* e outras operas de nomeada.

—No dia hoje, em 1839, o padre Diogo Antonio Feijó rezigna de regente do imperio—A. M.



GAZODUCTO

A 15 DE FEVEREIRO DE 1863 começou a cidade de S. Luiz a ser iluminada a gaz hidrojenio, cuja empreza foi tomada pelos norte-americanos Silvestre Batfin e Marcos William, em virtude de contrato feito com o prezidente da então provincia, João Silveira de Souza, a 30 de março de 1861.

SEMANARIO

ILUSTRADO

—DE—

LITERATURA

—E—

ARTE



A ALDEIA



PROPRIEDADE
DE UMA

EMPREZA

N.º 2 | ANO I

NUMERO AVULSO

200 RÉIS



OS ARMAZENS

DO

Grande Chic



Acham-se abarrotados de todos os artigos de sua especialidade e por esse motivo, e mesmo seguindo a norma estabelecida desde o inicio da caza, os seus proprietarios estão resolvidos a não olhar para lucros.

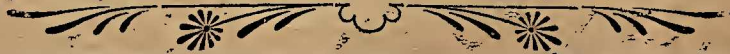
Tudo será vendido apenas com a com-
missão dos fabricantes.

Queiram não realizar as suas compras sem primeiro visitar o

GRANDE CHIC

RUA DE NAZARETH, 44

TELEPHONE, 106



A Avenida

S. LUIZ, 26 DE SETEMBRO DE 1909

Assinaturas:

Capital	MENSAL	800 rs.
	SEMESTRAL	4.500 rs.
	ANUAL	8.000 rs.

NÚMERO VULGAR 200

SEMANARIO

ILUSTRADO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

—NOS—

ESCRITORIOS D'A REVISTA DO NORTE

—a. s. b. s. b. a.—

S. Jozé, o milagrozo

Desde sexta-feira que se parte desta capital em direção á pinturesca praia de S. Jozé de Ribamar. A romaria, de ano para ano mais engrossada, acendrando as crenças dos devotos do miraculozo santo, é certamente uma das máis agradaveis e populares deste Estado, onde perdura, em torno o seu pompeante viço, o culto das tradições.

Não ha povo que não renda preito a estes costumes patriarcalmente relijiozos, que concretizam, com imponencia injenua, póde-se afirmar, os laços da solidariedade afetiva dos rincões sociaes. Em qualquer das antigas e pacatas cidades brasileiras palpita esse amor sincero e trasbordante ao tradicionalismo, definindo belamente a relativa firmeza da sua estabilidade organica. Olhe-se, porém, para as capitais movimentadas, em que a megalomania prepondera, tornando-se o alfa e o omega da existencia, e não se notará a menor agregação. A unanimidade tocante destas festas oblitera-se ao embate de outras relijiões, conduzidas pelas camadas emigrantistas. Aqui bem perto, no Pará, vão-se esvaecendo as solenidades alegres de Nazaré e os proprios festejos da Penha, no Rio, perderam ha muito o cunho bondadozo que as impregnava, alindando-as.

O cruzar das raças e das civilizações, estilhaçando esses uzos pateticos, comovedores, ameaça romper as linhas que ligavam as velhas comunhões. O individualismo, tão pregado pelo inglez e pelo norte-americano, os quaes rezumem na egolaria o seu temperamento, só poderá levar essas sociedades á dissolução, a despeito da veneração que os aduna em torno da Biblia. Nós, catolicos, ou simplesmente descendentes de catolicos, abandonámos ha muito o fervor, o que seria minimo, se não houvessemos renunciado tambem, inconscientemente, á poezia do cristianismo, o que é maximo, porque ela fórma o vinculo unico da nossa idiosincrazia de sentimentaes. Sem uma filozofia doutrinante, sem uma politica evangelizadora, o latino ha que ater-se aos ultimos reziduos dos habitos primitivos, afim de que escape ao naufragio da renovação mental o molde eterno dum dogma geral, baze de concordia. As civilizações carecem de uma relijião, seja ela qual fôr.

Felizes os povos que ainda não foram assaltados pela duvida: porque neles permanece o fundo inalteravel da sua consistencia, vive inapagavel a sua fizionomia! E o Maranhão, solido nas suas devoções, deve regozijar-se de manter intatos os seus fóros de cultor e conservador das sinjelas lendas primevas, brotantes dos prelios sustentados pelo augusto nazareno. Nelas pulsa a candura, não

nos bistrões—que não decorrer dos seculos o teem acolitado.

Aí vão, por esses caminhos fóra! ao sol ou de noite, inumeros a pé, folgazões, contentes, em algazarra estridente, em berrante ábalada, os bandos cantantes. Correm, em penitencia ou transportando ofertas, os mansos devotos do milagroso S Jozé. Querer curar-se uns, reconciliar-se outros, expandir-se a maioria. E todos, confraternizando, operando um hiato no pezado mourejar, marcham em direitura á branca praia, com a qual, durante o ano, martirizados sonharam, pela qual enfermos suspiraram, certos de que a hora chegou para o deperecimento dos seus males...

Ah! sim—sobredourem essas iluzões, afaguem-as, defendam-as! Persisti nessas vizões mitigadoras, ó bons e doces crentes, porque sem elas não ha povo que rezista ao siroco aspero da modernidade, brusca nos seus arranques! Crêde, viandantes, e caminhae, caminhae, porque S. Jozé ainda não esgotou, nunca esgotará, a cornucopia dos seus milagres!

Salve, romeiros!—F.

Genas e tipos

O domingo

No esmalte do céu claro e polido
Anda o sol pela barra do Nacente
A espalhar um suave colorido
De coral e morango e labio ardente.

Nos restos brinca um rizo irreprimido
E no ar azulado e resplendente
Ha nuanças de oiro diluido
Enchendo a alma e o coração da gente.

Na sussurro das arvores ha beijos,
Na voz dos riachos—limpidos harpejos;
De tudo rem um efluvio doce e morno.

A Natureza azul, sob o mormaço,
Canta e luz e sorri. E pelo espaço
Paira um cheiro burguez de arroz-de-fôrno.

XYZ.



I. Xavier de Carvalho—da Academia Maranhense Jornalista e poeta Exerceu a magistratura neste Estado e nos do Amazonas e Minas Gerais. O seu ultimo livro de poezias, *Missas negras*, consagrou-o como um dos mais notaveis poetas n cionais.

Rétas e Curvas

Não conhecem o Vitruvio?

Pois é incrível.

O Vitruvio é uma instituição, é mesmo mais que uma instituição: é uma parte indispensavel no todo social.

Veste a capricho e dezopila o fígado á gente.

A quebra da sua calça smart de xadrezinho, parece que foi feita especialmente na propria fazenda e na propria fabrica.

A risca da sua pastinha revela um verdadeiro prodijio de cosmetico e paciencia.

Dansa de maneira a pôr á marjem á propria Terpsicore, si se atravessa a muza a entrar em concorrência com as suas ajeis e coreograficas pernas.

Guarda, porém, o Vitruvio um espinhozinho a beliscar-lhe o assucara-do coração, espinho feito do dezejo



Marjens do Bacanga—Vista tirada da praia de Santiago

e da impossibilidade do... declamar ao piano.

Ha, porém, um maldito vexame que o tolhe e uma perra memoria que o inibe de satisfazer esse reclamo imperiozo e intimo.

Esteve quinze dias a ver si decorava o *Pergaminho*, aquelle poeirento e encarquilhado *Pergaminho* que, ha lustro e tanto, fazia as delicias dos salões burguezes.

Nada fez.

E ha, ainda, que o Vitruvio, troca, sem querer, as palavras.

Uma vez—a unica—que se meteu a recitar, e dessa vez foi o *Azaverus*, bradou, muito senhor de si, que o pobre judeu errante trazia escrito, não «na frente o sêlo atroz», como reza o verso, mas...«na frente o sêlo atroz».

Foi um horror!

Dai deliberou nunca mais dizer versos ao piano ou a sêco

Vitruvio tem, já disse, um coração todo de doçura e tem uma namorada

ai p'ra uma dessas ruas que o leitor conhece.

A namorada do Vitruvio é, porém, quanto a recitativos e a vexame, um verdadeiro Vitruvio do avesso: sabe a *Judia* toda de cór e não fica nunca sem dar resposta a quem quer que seja.

Vendo-o muito mono e vexado, entendeu que devia espicaça-lo com um ditozinho que lhe lizonjeasse o amor proprio e o proprio amor.

—Sr. Vitruvio, eu lhe quero muito bem...—disse-lhe ella, uma vez que o Vitruvio passava e tirava mudamente o chapéu.

E o Vitruvio... nada.

Repetiu o dito duas outras vezes e o Vitruvio, vexado, conservou o mesmo mutismo.

Então, elle proprio compreendendo o ridiculo em que caía aos lindos olhos da sua *ella*, foi ao Raul, como entendido que é nessas coizas, e pediu-lhe que lhe ensinasse uma resposta.

E o Raul:

—Quando te disser ella isso outra vez, responde-lhe: «Nem a senhora me quer mais, nem eu lhe quero menos».

—Escreva isso, faça o favor.

E o Raul escreveu a frase que o Vitruvio repetiu mentalmente, durante uma semana toda, consultando de vez em quando o papel para nada esquecer.

Um bello dia em que o Vitruvio passava, como de costume, pela calçada da sua enamorada, diz-lhe ella num tom queixozo:

—O' sr. Vitruvio, tenho-lhe dito tantas vezes que lhe quero bem e o sr. nem responde ! Será porque me acha feia ?

E o Vitruvio que, na atrapalhação de não saber como devia responder-lhe e que se esquecera da frase toda que lhe ensinara o Raul, lançando mão do pouco que della se lembrava, retrucou:

—Nem mais, nem menos...

O Vitruvio tem até hoje nos ouvidos o ruido das vidraças que a namorada lhe bateu em pleno rosto.

D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

Compadre

Estou furioso:

*A caza Gaspar Teixeira
Fez publicar n' «Avenida»
A minha carta primeira.*

*Imajine, meu amigo,
Como devo estar danado,
Vendo tudo o que lhe disse
Nessa carta, publicado.*

*Não mais tenho confiança
No Correio do Maranhão,
Pois se até á minha carta
Elle deu publicação.*

*D'hora em diante ellas seguem
Só por mão de pozitivos;
Não quero ser mais peteca,
Vou ter os olhos mais vivos.*

*Gato escaldado, compadre,
Té de agua fria tem medo;
Por isso, d'hoje em diante,
Lhe peço todo segredo.*

*Pr'as cartas que eu lhe fizer
Enquanto estiver aqui;
Pois por cauza da primeira
Muita chalaça eu ouvi.*

*Uns diziam: Que estopada
A carta do Conceição !
Uns versos de pé quebrados
Sem chiste e pontuação.*

*Diziam os tais do Sistema
Por entre mil herezias,
Que a carta eu tinha filado
Do velho Euclydes Farias.*

*Quantas blasfemias, compadre,
Tenho ouvido sem piar;
E se eu não fosse prudente
Ao Xadrez ia parar.*

*Isso, porém, não me allera
E a prova e que lhe prometo
Que todo o fim de semana
Uma carta lhe remeto.*

*Fui ao segundo passeio ..
Que belezas que lá vi !
As moças trajando simples
Como as meninas dai.*

*Mas, compadre, eu fui logrado
A couza lhe vou contar;
Um pouco de paciencia,
Se disponha a me aturar*

*Não me chame de cacete;
Nada tendo que fazer;
Emprego todo o meu tempo
Nestas cartas lhe escrever.*

*Fui, meu velho, apresentado
A um moço, rapaz talul,
Jornalista e do Sistema,
De nome Astolfo Raul.*

*Este agarrou-se ao meu lombo
Qual se fôra um carrapato
E de tudo o que bebia
Era eu cronico pato.*

*Elle è louco por gelados,
Tomava-os de vez em quando
E eu só via, compadre,
Ir o meu cobre voando.*



S. JOSÉ DE RIBA-MAR--Altar-mór da Ermida

Tambem, meu caro, da vida
De todos elle conhece:
—E' peor que uma cartilha,
Um dicionario parece,

Contou-me muitas historias
Do tempo da caronchina;
Sempre fumando charuto
A dar uma rizadinha...

E já no fim do passeio
A nós juntou-se outro mogo,
Que é promotor; e, em direito
E' profundo como um pogo.

Disse o Astolfo: Cazuza,
Já com ar de intimidade,
Outro Raul te apresento,
Promotor desta cidade.

Oh! que alegrão, meu compadre,
Nesse momento raspei!
Vendo-me assim confundido
Com o Jornalismo e com a Lei.

Seu doutor, toma cerveja?
Perguntei depressa, então.
—Aceitarei, seu Cazuza,
Porem n'outra ocasião.

Disse logo o jornalista:
Si elle não quer eu aceito.
Cerveja bole-me n'alma,
Cerveja lava-me o peito...

Ja sinto sêca a garganta,
E' perto o Café Chinez...
E logo, em chegando, grita:
—Thomaz! Cerveja p'ra trez.

Criei então alma nova
Pensando—elle vai pagar...
Mas qual! bebida a cerveja,
Tornou o pato a marchar.

E assim passei a noute,
Sem uma só moça ver;
Por isso, nesta os seus nomes
Não lhe posso hoje dizer.

Mas no domingo prometo
De todas nota tomar
E pelo meu positivo
Outra carta lhe enviar.

Agora, tenho um desejo
Em que vivo a matutar:
E' ser membro do Sistema
Para beber sem pagar...

Então, serei jornalista,
Sempre gostei de escrever,
E onde quer que haja festa,
Me apresento p'ra beber.

Jornalista, como Astolfo,
Tal como Astolfo se fez,
Sempre á alhela de quem paga...
Talvez eu seja, talvez...

Adeus, meu caro compadre,
Fica p'ra outra ocasião
O mais que tem a dizer-lhe

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

A Avenida social

ANIVERSARIOS

Completaram anos:

a.18, a simpatica senhorita Edith
da Silva Ribeiro;

a 19, a gentil senhorita Mariêta
Ribeiro;

a 20, o joven Aurelio Rodrigues
de Oliveira, simpatico discur e profi-
ciente auxiliar da Farmacia Normal.

a 22, as senhoritas Julia Assun-
ção e Antoninha Chaves.

a 23, a exma. sra. d Amalia Louro
Carvalho Santos. prezada consorte do
coronel Joaquim M. A. Santos.

GIRA SOL

Florir no descampado ou no humido recanto
De alguma ruina, ou mesmo em aspero al-
cantil,
E' um orgulho que tem o redoirado helianto
Dês que da terra emerge a plúmula eretil.

Quando elle dezabrocha entre os glastos e o
acanto,
Entre os mil tinhorões e as passifloras mil,
Tem-se á conta de um sol nascido por en-
canto

Ao topo senhorial do tormentozo bastil.

E' de vel-o medir a força e o valimento,
Do orgulho vegetal, do seu orgulho em prol,
Ante o rival senhor de terra e firmamento!

E' de vel-o tenaz, de arrebol a arrebol,
Do grande astro seguindo o rejio movimento,
O aureo disco volver para encaran o sol!

Emilio de Menezes

(Das «Poesias», livro que acaba
de circular na capital do paiz).



Arrabalde de S. Luiz--Vinhais

A Avenida histórica

A 26 de setembro de 1856, a presidência, em virtude da lei provincial n.º 429, de 20 de agosto do mesmo ano, contrata com os cidadãos dr. Raimundo Teixeira Mendes, Leite & Irmão e José Pedro dos Santos & Irmão a incorporação duma companhia para a navegação dos rios Itapicurú, Mearim e Pindaré.

—Neste mez. no ano de 1845, cria-se a Sociedade Filomatica Maranhense, que institue, nas salas da camara municipal, preleções de quimica, fisica e matematica elementar, publicando, no ano seguinte, dois numeros do *Jornal da Sociedade Filomatica*.

As dissensões partidarias acabaram com a agremiação.

—Em sessão de 25 de agosto de

1865, a Camara Municipal desta cidade mudou o nome das seguintes ruas: de Sant'Anna para *Gonçalves Dias*; de S. João para *Odorico Mendes*; do Egypto para *João Lisboa*; das Violas para *Gomes de Souza*; das Hortas para *Brigadeiro Falcão*; da Cascata e parte da da Inveja para *Riachuelo*; da Manga para *Tamandaré*; da Nova para *Barrozo*; da Direita para *Marcelio Dias*.

E' curiozo como não calhou essa denominação, que viria homenagear, com justiça, gloriosos vultos nacionais.

Entretanto, foram aceitas denominação posteriores e de ruas acima indicadas, como a das Violas, hoje sagrada dos *Afogados*, e a da Cascata, hoje *Jacinto Maia*.—A. M.



Typ. Teixeira.

S. José de Riba-mar

A Avenida Relijioza

Na igreja de N. S. do Rosario terão começo, na proxima sexta-feira, 1 de outubro, as festas rozarienses, que se estenderão por todo o mez, sendo a procissão a 31.

Snr. Redactor d'A Avenida

Peço-lhe a publicação do soneto que se segue

Despretencioso, sem merito, representa elle apenas um grito d'alma, grito que bem pode servir de aviso ás moças de minha terra.

E' possivel que os leões e leõesinhos de que se vai encher amanhã a praça João Lisboa, não me vejam com bons olhos; isso, porem, não me demoverá do meu intento.

Vossa constante leitora

Ethelka de Jesus

SONETO

Pudesse um só n'u contel-os todos
E o piloto fosse eu.

CIUMES DO BARDO

(Perdôa, Poeta, a inversão que fiz do teu pensamento. Também, tu cantaste uma phantasia e eu, eu canto um facto real. — E. de J.)

*Por mais que me dissesse ou me jurasse,
Por mais que me jurasse ou me dissesse,
Jamais a creditei que elle tivesse
Peito que tanto affecto comportasse.*

*E' possivel, porem, vendo-lhe a face
Calma, serena, muita vez eu cresse
Que ao menos a metade contivesse,
—Um terço, si á metade não chegasse...*

*Nem terço—nem sequer deste a metade!
De amor, em peito de homem, ninguém hade
Achar uma particula sequer!*

*Falso que foi, mas a fingir não set-o!...
Nem sei, perjuro assim, posso dizel-o,
Como é que o homem nasce da mulher!*

25-9 909.

ETHELKA DE JESUS.

O «Angelus», de Millet, foi comprado, ha anos, pela respeitavel somma de seiscentos contos de réis, que já não é nenhuma bagatela. Tal quantia conseguiu ao tempo excitar opasmo e a admiração das gentes que ficaram tranzidas... de espanto perante a larga generosidade do comprador.

Pois, como vossas excellencias estão vendo, houve agora um cavalheiro que quase dobrou o lance para adquirir o celebre «Retrato da duqueza de Milão», pintado em 1538 por Holbein, pintor do tempo do rei Henrique VIII.

Esse retrato foi vendido, ha alguns dias, pelo seu proprietario, o duque de Norfolk, ao sr. Coluaghi, que está rezolvido a transportar a preciosa tela para os Estados Unidos. Consente, porém, em entrega-la a um muzeu inglez, desde que lhe paguem 1.100 contos, isto é, uns 100 contos pelo trabalho da compra.

A Dieta da Prussia rezolveu, em julho ultimo, gravar com um alto imposto as novas concessões de titulos nobiliarios.

E' a seguinte a tabela estabelecida pela Dieta; principe, 300; conde 180; conselheiro privado do rei, 250; e conselheiro comercial, 150.

Para poderem uzar brazões, ou fazer neles alterações ou adaptações, os titulares terão tambem de pagar outras taxas.

Dadas as muitas distincções que o Kaiser concede aos seus suditos, calcula-se que esses impostos produzirão uma entrada annual para as arcas do Estado de... 15.000 libras.

Sê prudente em sociedade. Permanêça sepultado no teu coração o segredo que te confiarem: esquece-o logo que o tenhas ouvido.

PEROLA

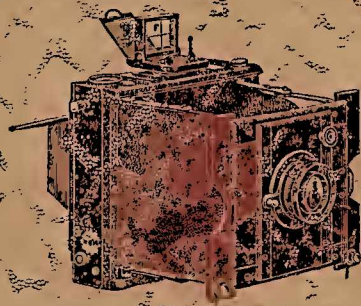
15---Rua Grande---15

Neste estabelecimento encontra-se sempre grande e variado sortimento de artigos de modas e armárinho os quaes são importados directamente da Capital Federal e das principaes praças da Europa

Mantem esta casa uma secção especial de perfumarias dos melhores fabricantes, que vende a preços reduzidos:

Especialidade em artigos para homens

NÃO COMPREM SEM PRIMEIRO VISITAR ESTA CASA



Maquinas e todos os artigos photographicos

NOVA REMESSA RECEBERAM

OS ARMAZENS TEIXEIRA

SECÇÃO DE PHOTOGRAPHIA

CAZEMIRAS E BRINS

Sortimento escolhido pessoalmente em Paris

Despachou-se para os

ARMAZENS TEIXEIRA

SECÇÃO DE ALFAIATARIA

ARMAZENS TEIXEIRA

ESTES ARMAZENS OCCUPAM 3 PREDIOS NA

Praça João Lisbôa

Dividem-se em 12 secções a saber:

Alfaiataria, Typogravura, Encadernação,
Machinas de costura, Móveis nacionaes e estran-
geiros, Perfumarias, Modas para homens, Arti-
gos de photographia, Papelaria, Relogios,
Coroas e Capellas mortuarias

ARTIGOS PROPRIOS PARA PREZENTES

Procurem visitar de preferencia os
ARMAZENS TEIXEIRA

SEMANARIO

ILUSTRADO

—DE—

LITERATURA

—E—

ARTE



A ALVENIA

PROPRIEDADE
DE UMA

EMPREZA

N.º 3 ANO I

NUMERO AVULSO

200 RÉIS

Parc Royal

Praça João Lisboa

Neste estabelecimento encontra-se sempre grande e variado sortimento de artigos de modas para homens e senhoras e armarinho os quaes são importados directamente da Capital Federal e das

principaes praças da Europa. Mantem esta casa uma secção de Alfaiataria e perfumarias dos melhores fabricantes, que vende a preços reduzidos.

ESPECIALIDADES EM ARTIGOS PARA HOMENS E SENHORAS.

Todos ao PARC ROYAL de

B. XAVIER & COMP.



A Avenida

S. LUIZ, 3 DE OUTUBRO DE 1909

Assinaturas:

Capital	MENSAL	800 rs.
	SEMANAL	4.500 rs.
	ANUAL	8.000 rs.
NUMERO AVULSO 200 RS.		

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
—NOS—
ESCRITORIOS D'A REVISTA DO NORTE
—Praça João Lisboa—

Rétas e Curvas

Uma onda de luz alvissima escorrendo do céu, uma onda de luz azulada jorrando dos focos incandescentes, uma onda de sorrisos avermelhando nas bôcas e fuljindo nos olhos, eis o passeio de domingo. Porque o passeio do domingo proximamente ido, foi o mais alegre de todos.

Alegre o luar, na sua ternissima pulverização luminoza; alegre a luz, onde um pouco de anil se desfazia num pouco de leite; alegres os sorrisos, rebrilhando no coral da bôca, no qual, como nas romãs maduras, perolazinhas alvejavam.

Isso, está claro, não nas bôcas onde ha asperezas escuras ou flavas de um bigode rapado ou não.

Conversava-se alacremenete e havia rizos francos.

O verde-humido das arvores esmaecia sob a luz e uns arrepios de gozo pareciam sacudir-lhes as folhas mûrmuras.

A simplicidade dos trajes punha manchas claras no espaço mais fartamente iluminado.

Não ha, de certo, para estas candidas noites de plenilunio, como os vestidos brancos.

Dá-se, aos olhos de quem os fita, a fuzão do branco opaco dos tecidos com o branco refuljente da luz.

Até os olhos que passam sorriem.



Corrêa de Araujo—Da Academia Maranhense, Oficina dos Novos, Universidade Popular Maranhense, do «Sistema» e. da Federação Espirita.

E' secretario da Instrução Publica e do Liceu Maranhense. Fez, ha pouco, uma excursão á sua terra natal, Pedreiras, tomando parte numa festa de nupcias. Os seus formosissimos livros de versos *Harpas de fogo* e *Evanfêlho de mão*, e os vibrantes panflêtos *Pela Patria* e *A tirania* puzeram-no em destaque como um dos mais rebrilhantes talentos da moderna geração.

Na boca, nos olhos e nos cabelos brancos.

Porque, como os rios e os ribeiros sorriem no seu sussurro d'agua, as arvores no seu murmurio de folhas, e a luz no seu brilho, sorriem

os cabelos brancos, quando a claridade os toca.

E' o sorriso rebrilhante.

Alegam-se, talvez porque a luz que sorri tem a sua côr.

E, nessa mistura de brancura e luminosidade, a alma e o coração branquejam e iluminam-se...

Bela noite !

Que as noites dos domingos que veem venham sempre assim: brancas, luminosas e alegres. — D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

*Meu caro amigo e compadre,
E' esta a terceira vez
Que uma missiva lhe envio;
Você nenhuma me fez.*

*Esta, porém, meu amigo,
Vou fazer muito apressado,
Pois me acho aborrecido,
Desde domingo passado.*

*A convite de uns amigos
Fui á festa em S. José;
Vizitei a bela ermida,
Abrigo de crença e fé.*

*E, durante a travessia,
Que fizemos, no vapor,
Foi sempre meu companheiro
O joven Tenente Heitor.*

*Rapaz do mais fino trato,
Uma das glorias da Armada,
De quem sou hoje, compadre,
Um amigo e camarada.*

*A bordo do «Marahú»,
Vapor em que viajamos,
Na mais cativante proza
Bem boas horas passamos.*

*Tambem encontrei a bordo
O doutor Raul Pereira,
Que a nós se juntou gostoso,
Fazendo a perna terceira.*

*Compadre, a bordo imperava
O domínio da cachaça;
Uma gritaria horrenda
Muito ditério e chalaça.*

*Estava o Zé povo em festa,
Ao som de gaita e pandeiro;
E o maxixe se exibia,
Num quebrado brasileiro.*

*Era tal a algazarra
Que o Zé povo então fazia
Que lhe juro, meu compadre,
Ali nem Christo dormia.*

*Emfim chegamos ao porto,
A nossa troupe saltou,
E, sem perda de um instante,
Toda a festa revirou.*

*Nós rimos, então, compadre,
— Um bem dançado carogo
Por uma linda crioula
De mantilha no pescoço:*

*Juntando côco no chão
Suspendia-se p'ro ar,
Cantando: Criança chora
Sómente se quer mamar...*

*E o Zé povo respondia:
Ajunta côco no chão...
E a crioula se quebrara,
Ao toque do violão.*

*Compadre, aquillo é que é festa,
Quem não foi lá—chupe um osso...
Nada ha que se compare
Ao quebrado do carogo...*

*Maxixe pucha merido
Carogo peneira só...
Compadre, ao ver tudo aquillo,
Lembrei-me de minha avó*

*Que no seu tempo, contava,
Não perdia tal função,
Por maxixe—dava a vida,
Por carogo—o coração.*

*Ah ! compadre se eu o visse
Na festa de S. José !
Como nós outros, faria
Faria seu rapapé...*

*Em meio aquelles quebrados,
Das danças no remexer...
Ali, compadre, nem Santo
E' capaz de se conter...*

*E o tempo passou ligeiro,
Sem quaze a gente sentir
Apenas raiou a aurora,
A missa fomos ouvir.*

*Na igreja era o contrario:
Ao som de hinos suaves,
Todo o povo ouvia a missa
Do sizudo padre Chaves.*



ARREDÓRES DE S. LUIZ—Entrada da Fonte do Bispo



*S. José lá do seu nicho,
Via aquella contrição,
O templo, porém, deserto,
Ficára, si o violão*

*Torhasse a gemer, no largo,
Com a ancía, com o mesmo ardôr:
Quem sabe se não iria
Na frente o próprio pastor?*

*Mas qual, compadre, o caroço.
Não gemeu no largo, não;
Todos ficaram na igreja,
Na mais firme devoção.*

*Após a missa, na porta
Da bela errada troquei
As medalhas que lhe envio,
Medalhas de ouro de lei.*

*E' um presente que envia
Da comadre á devoção
O seu compadre sauloso.*

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

Fitas locais

MARTE E O ARROZ

Personajens: GOMES, amanuêense apozentado, e VASCO, industrial arremediado.

Num banco da Praça João Lisboa, á noite.

GOMES.—Olha o planêta Marte. Que beleza!

VASCO.—Para mim não é novidade. Vejo-o sempre...

GOMES, *admirado*. — Quê? ! Com tamanha intensidade de brilho? Olha que o Flammarion, num luminoso artigo de *Le Journal*, de 21 de agosto ultimo, disse que o planêta Marte está, na época prezente, no exercito das estrêlas, extremamente excepcional para a observação e que sómente daqui a quinze anos o veremos aproximar-se de nós em identicas condições. Em todos os observatórios, agora, os telescopios estão assestados

em bisbilhotar o que vai lá pelo mundo marciano.

VASCO.—E eu aqui, no mundo terrestre, a sondar uma mina, uma mina, Gomes, maior que as do Grajahú, do Maracassumé ou do Felinto Cutrim, no Itapari.

GOMES, *espantado*. — Mina, aqui, ná capital? !

VASCO.—Olé, é o que te digo. (*Exullando.*) Vou estabelecer uma fábrica de arroz!

GOMES, *troçando*.—Ora casca outra, que esta não valeu! Então achas que, montando essa pinóia, terás uma mina?

VASCO.—Não retiro a fraze. E' uma mina, e dum valor estupendo.

Estou com todo o historico da cùltura do arroz no Maranhão, desde a sua geneze até á epoca prezente. Data de 1765 a introdução, na provincia, do arroz branco de Carolina para substituir o vermelho ou dito de Venêza. No mesmo ano, veio de Lisboa, mandado buscar pela Companhia Geral de Comercio, o mecanico José de Carvalho, para estabelecer fábricas de descascar arroz, sendo a primeira que se fundou situada nas margens do Anil. No ano de 1776, foram exportados para Lisboa, pela primeira vez, 285 arrobas de arroz de Carolina.

GOMES, *sorrindo*. — E ficou nessa quantidade...

VASCO.—Estás muitissimo enganado. A industria progrediu duma maneira admiravel, invejavel, pasmoza. Por toda a cidade e cercanias havia, até 30 anos atraz, fabricas de arroz, em *magna quantitate*. No Tamancão, no Vapôr, em Vinhais, no Dêsterro, no rio das Bicas, no João Paulo, no Filipinho, na Maioba e na Maiobinha, no Cutim, em Santiago, no Medeiros, na Currupira, por todos esses recantos afóra, sem contar o interior, se alastravam as fabricas de arroz.



BALCATTI

GOMES. — E como desapareceu essa multidão de fábricas ?

VASCO. — A lavoura foi definhando. A Abolição do braço escravo aboliu por completo a cultura e facultou a entrada do arroz inglês, que fez morada aqui. Só no interior é que o pilão, trabalhando incessantemente, não permitiu o ingresso á valioza graminea que os ingleses nos enviavam da sua India. Veiu a Republica, e o arroz indiano sempre de póita arriada no Maranhão. Em 1905, o Dunshée de Abranches justificou, na camara federal, um projéto de lei agravando a taxa de importação do arroz estrangeiro. Consequencia: O projéto, que foi perfilhado por toda a bancada maranhense, beneficiou, por uma maneira espantosa, a industria nacional, dezaolando a da Albion. Hoje, S. Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul estão cultivando arroz e exportando-o aos milhares de sacos. E nós aqui (*entuziasmado*) — ó dóce conquista ! estamos vendo as fábricas resurgirem ás duzias. A cidade volta a outras éras felizes, as máquinas a crepitar no descascamento dêsse abençoado produto, dessa nossa riqueza que jazia desprezada. E eu não posso cruzar os braços diante essa reabilitação industrial. Vou cavar...

GOMES, *rezoluto*. — Pois eu cá sou contra o arroz. A farinha vale-me mais. Adubando o pandulho, com um confortador pirão escaldado, sinto-me bem aqui, neste banco, todas as noites, a contemplar (*Apontando para o planêta*) aquelle mundo que, de todos os do sistema solar, mais se assemelha ao nosso e a quem saudamos com uma simpatia toda particular. Oh ! salve Marte !

VASCO, *erguendo-se*. — Pois eu sou contrario aos marcianos, com os seus calendarios, estações, auroras luminosas, crepusculos vespertinos, semelhantes aos nossos. Sou parti-

dario fervoroso do arroz, descascado, ensacado e exportado, em troca de metal sonante, compensador de injente esforço em prol do resurgimento industrial desta terra. Oh ! salve o arroz !

No relógio da Sé soaram cadenciadamente dez horas, e o marciano e o arrozeiro deixaram o banco da formosa Praça, que ficava solitária, sob a guarda de suas arvores copudas, duma beleza unica e indizível. — A. M.

Alice

Eu vi o vulto de Alice,
De longe, que bem m'o disse
O bater do coração;
Grande que seja a distancia,
Sente-se logo a fragrança
Daquella roza em botão.

Eu vi os olhos de Alice,
Olhos cheios de meiguice,
Té capazes de matar...
Si acazo os fito um momento,
Em calçada de cimento,
Hão de me ver tropeçar.

Eu ví o colo de Alice...
(Talvez que ninguém me visse,
Em mim reparasse então)
Fiquei... de sangue nem pingo !
O chão beijára, si o Mingo
Me não estendesse a mão.

Eu vi... nem sei dizer como !
Um duplo, formozo pomo
Os meus olhos a tentar...
Por sob o corpête arfando,
Todos os elos buscando
Dessa cadeia quebrar...

Cada vez que vejo Alice,
Na Avenida, uma tontice
Deixa-me quazi a morrer.
Não volto mais á Avenida:
Desde que ha só uma vida,
Prudente é sempre bom ser.

Og. de Sá.



Os edifícios de S. Luiz--Hospital da Santa Ceza de Misericórdia

Almas !

A Coroa de Graço.

Paira por tudo uma cruel tristeza,
um *que* de sofrimento e de agonia,
vai envolvendo toda a natureza,
numa mortalha esbranquiçada e fria.

Entre um montão de nuvens, com presteza,
passa uma estrela pelos céus, sombria,
passa e corre por tudo na incerteza
de quem busca uma couza fujidia.

Surje outra mais... E me parece ao vê-la,
que procura seguir, anciôzamente,
apóz os passos da primeira estrela...

Almas tristes, espiritos fecundos,
para a vossa união resta sómente,
a metempsicoze em outros mundos !

Angela Grassi.

A rainha do passeio

Foi por entre a efemera multidão da festa que te vi. Dir-se-ia que um raio de luz estranha desprendera-se de manso da celestial altura, vindo confundir-se com a luz que se irradiava dos teus olhos. Diva dos magos. Vinhas, como o firmamento, toda vestida de azul celeste; eras então a inveja entre as profuzas e belas flores dos jardins, que, diante de ti iam, vergonhozas, ocultar seus perfumes nas folhas rasteiras do sólo, pois jamais havia surjido á tona dos jardins, roza de tanto perfume e de tanta beleza. Eras a imitação perfeita da alma a vagar saudozamente pelo espaço, nas limpidas noites de Agosto, quando dezabrocha em todos os corações, assim como por encanto, o desejo imenso de contemplar-se absorto a beleza dessa Rainha das selvas que tão suavemente faz reverdecer as arvores de nossas iluzões—a Esperança,—e renascer as flores dos nossos corações—o Amor.

Assim pois como a lua eras tu, com a diferença que ella vagava suadoza no espaço, e tu brilhavas alegremente entre nós, deixando de quando em quando escapar de teus labios nacarados um sorrizo de santa, um sorrizo tão belo e tão divino como é divina a luz duma esperança; ella fazia dezabrochar nos corações sensíveis o desejo de se contemplar o panorama que se dezenrolava ante a vista da criação, e tu fizeste nascer em mim o desejo de ti amar; ella é a Rainha Augusta das selvas que faz renascer as flores nos corações, e tu és a Rainha Augusta do passeio, que fizeste nascer no meu coração, esta cratera sagrada, as flores sacrosantas do amor.

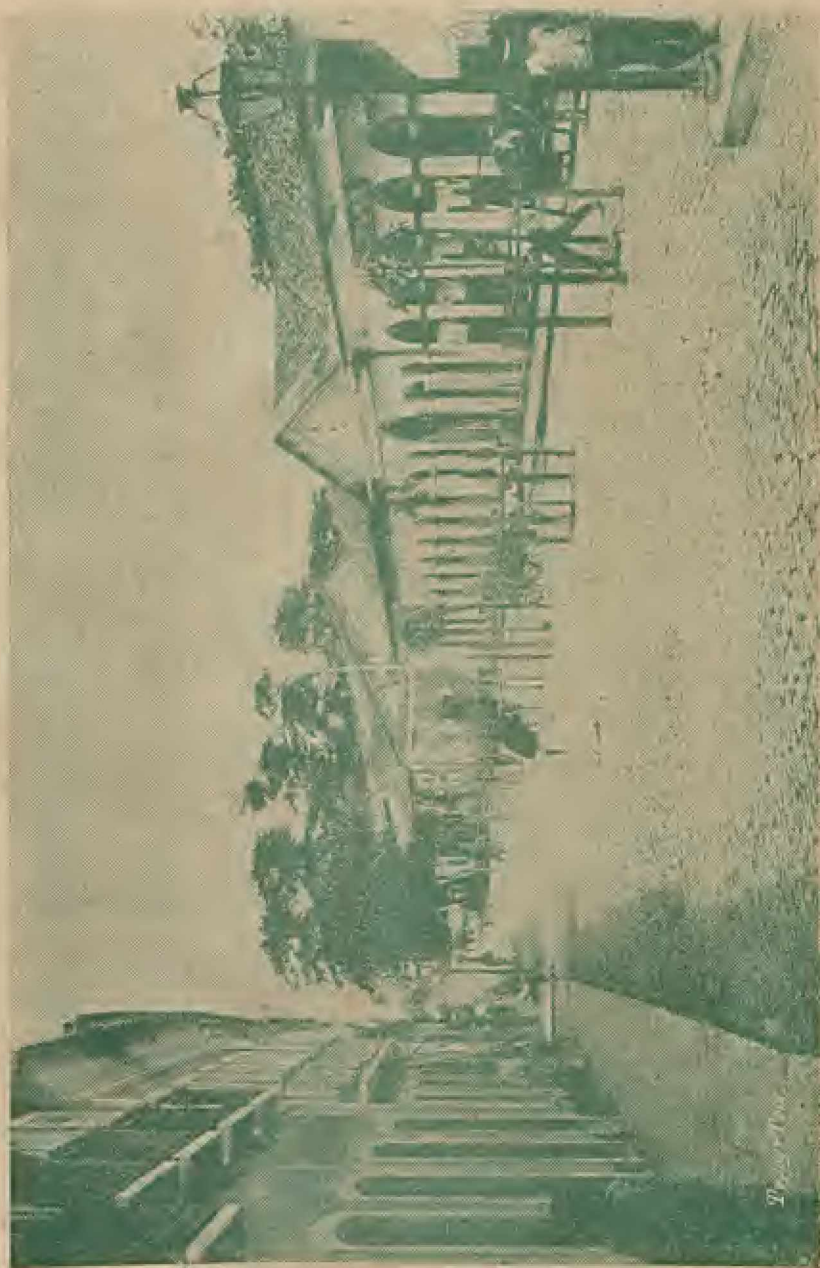
O sol, quando desponta orgulhoso no horizonte tinjindo de fogo os prados e os montes, fazendo tremeluzir na haste melindroza as cristallinas gotas de orvalho, não tem o mesmo encanto que tens, não tem a mesma graça que ostentas e nem o mesmo brilho desses dois diamantes gravados em teu rosto de fino coral. Finalmente eras como uma estrela de oiro a tremeluzir no azul do firmamento. Eras então o alvo predileto dos meus olhares, que te seguiam, no menor incidente, na tua passagem entre nós. Deixa, portanto, bela Diva dos magos, Rainha augusta do passeio, Estrela condutora do meu futuro, Sol dos meus amores, Lua dos meus encantos, que eu te vote esta sincera adoração, porque só

Em ti existe toda a minha vida
Todo o perfume que se esvae da flor,
Radiante estrela que nos ceus erguida
Cativa e prende o meu eterno amor.

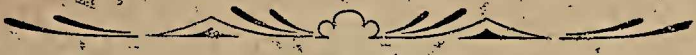
Antonio Hiapina Filho.

(Carlos Amazonas)

Escrevem-se na areia os favores
e gravam-se no metal as ofensas.



S. Luiz--Praça do Comercio--A Associação Comercial



OS ARMAZENS

DO

Grande Chic



Acham-se abarrotados de todos os artigos de sua especialidade e por esse motivo, e mesmo seguindo a norma estabelecida desde o início da caza, os seus proprietarios estão resolvidos a não olhar para lucros.

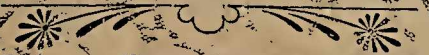
Tudo será vendido apenas com a comissão dos fabricantes.

Queiram não realizar as suas compras sem primeiro visitar o

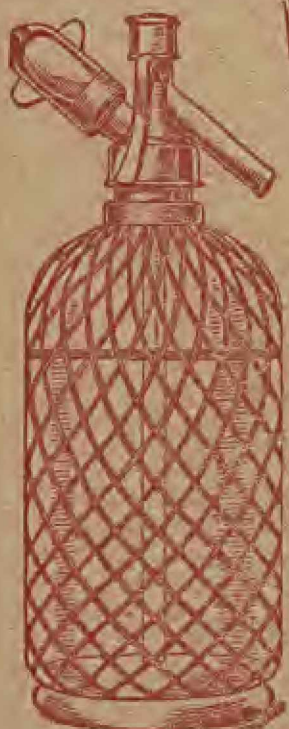
GRANDE CHIC

RUA DE NAZARETH, 44

TELEPHONE, 106



SYPHONS PRANA SPARKLETS



APPARELHO

INDISPENSÁVEL EM CASA DE

FAMÍLIA

Commodidade, Promptidão e Asseio !!!

1 Apparellho com 1 tubo de Sobresalente	5.000
1 Caixa com 12 cartuchos	2.000
12 Caixas com 144 cartuchos	20.000

A DINHEIRO

GRANDES DESCONTOS

PARA VENDAS AVULTADAS

A VENDA NOS

Armazens Teixeira

Secção de Typogravura

SEMANARIO

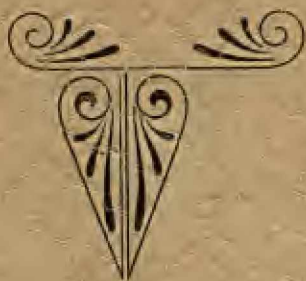
ILUSTRADO

—DE—

LITERATURA

—E—

ARTE



A ALVENIA

PROPRIEDADE
DE UMA
EMPREZA

N.º 4 | ANO I

NUMERO AVULSO

200 RÉIS

Secção Feminina

O sortimento de artigos para senhoras e meninas acha-se cada vez mais completo atrahente.

Lindissimos vestidos promptos, de linho bordado, nas côres bege, marrom, branco etc. etc.

Grande collecção de bluzas feitas em seda, nanzouk, pongée e cambraia.

Anagoas de seda, lã, linho e algodão

Vende-se pelo custo um saldo de cortes para bluzas, em linho, seda a

2.500

cada um!

Grande sortimento de tecidos de fantasia, desde 600 réis.

o metro

AO GRANDE CHIC

VESTIDOS

promptos para meninas em cascas e baptiste brodê, em diversos tamanhos e preços.

Toucados modernos para meninas de 3 a 8 annos, estylo *directoire*.

Já começamos a receber artigos para confecção de vestidos: galões de seda, alamares com botões (alta novidade!) botões de fantasia, tecidos para desous e para forros etc. etc.

Manda-se amostras em qualquer ponto da Capital.

Preços de cauzar verdadeiro pasmo

RUA DE NAZARETH, 44

TELEPH: 106

A Avenida

S. LUIZ, 10 DE OUTUBRO DE 1909

Assinaturas :

Capital	MENSAL	800 rs.
	SEMESTRAL	4.500 rs.
	ANUAL	8.000 rs.
NUMERO AVULSO 200 RS.		

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
—NOS—
ESCRITORIOS D'A REVISTA DO NORTE
—Praça João Lisboa—

Rétas e Curvas

Vimo-nos, nós da comissão dos passeios da praça João Lisboa, num verdadeiro atropalho.

Prometemos um premio mensal á senhorita que mais sinjelamente traja-da se apresentasse nesses passeios.

Qual a vencedora ? Todas. Porque todas se apresentaram sinjelamente vestidas.

Não sou dos que condenam em absoluto a moda. Basta, para justificá-la, dizer ella um aspêto da evolução.

O que convém é que evolua dentro dos limites do bom gosto e das regras da hijiene.

O que é preciso é condenar o excesso, o abuzo, o exajero e, mais que tudo, o luxo berrante.

Não quereria, por exemplo, que voltassemos aos tempos da Grecia homerica, de amplas e panejantes tunicas de linho alvissimo e nos quais o adorno, que aliaz deveria voltar, era uma grinalda de anemonas ou de rozas.

Nem isso nem aquelles penteados da côrte futil de Maria Antoniêta, nos quais se elevava uma transcendente mistura de adornos abundantes e vastos.

Nem a auzencia quase absoluta da moda, nem a sua quintessencia extravagante e ridicula.

Modus in rebus, si me permitem e me perdoam o latim.

Como está é que está bem.



Vieira da Silva—Da Academia Maranhense, Oficina dos Novos e Universidade Popular Maranhense. Acadenico de direito e Oficial de gabinete do Governador do Estado. Publicou *Poesias*, livro de real merito que lhe deu nomeada, consagrando-o um dos mais talentozos artistas do verso da geração prezente.

Para um passeio ao grande ar, roupas leves e claras, muito claras, pondo na noite a sua mancha alacre e ridente.

Quanto ao premio — como deve isso alegrar a todos !—é um aplauzo que como o orvalho que alegra todas as corólas, cái sobre todas as frontes, numa chuva perfumada de sinceridade.—D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

Meu caro compadre e amigo:
Na minha carta passada,
Eu lhe disse estar doente
Por cauza da patuscada,

Em que estive metido
Na festa de Riba-Mar,
Da qual regressei saudozo,
Com vontade de voltar.

Hoje, porém, são e salvo
Do perigo que corri,
Volto a dar-lhe outras noticias
Do que no domingo vi.

Fui á praça João Lisbôa;
Estava tão concorrida,
Que a gente ali mal podia
Fazer a sua avenida.

Por isso, numa cadeira
Sentei-me todo orgulhozo,
Vendo passar junto a mim
O mundo chic e formozo.

Peguei num papel e lapis
E fui depressa escrevendo
Os nomes das senhoritas,
Que no passeio ia vendo.

Vinte tiras de papel
Com doces nomes enchi,
Desde as moças mais formozas
Até a loira guri.

E disse todo contente:
Compadre, toma um fartote,
Desta vez eu cito os nomes,
De notas tenho um pacote.

Nisto de mim se aproximam
O Bricio Filho e o Bonfim,
Vianinha, Mingo e Lobo,
E eu fiquei cercado, assim.

Então, numa proza alegre,
Todos nós juntos ficamos;
E a convite do Bricio,
Muita cerreja tomamos.

Sentado numa mezinha,
Em frente ao Café Chinez,
Ficou o resto da noite
O nosso grupo de seis.

Eu brindei o Bricio e o Lobo,
Bonfim brindou Vianinha,
E o Mingo, de improviso,
Brindou a toda rodinha!

Neste pé, quando se estava,
De cerveja a meza cheia,
Juntou-se a nós um poeta
Que elles chamaram—Corrêa.

O Lobo, estendendo a destra,
Fez esta apresentação:
—Seu Corrêa de Araujo,
Cazuza da Conceição!

Mandei então vir champagne,
Bebemos garrafa e meia,
Depois do que fui brindado
Com um soneto do Corrêa,

Soneto que lhe remeto
Em o proprio original,
P'ra você ler e dizer-me
Que tal o acha, que tal.

Esse poeta é bem moço,
Tres livros tem publicados,
Que foram de norte a sul
Nos jornaes elojiados

Ao dissolvermos o grupo,
O Lobo me disse:—amigo,
Você já é do Sistema,
Cazuza, conte comigo.

Se alguém lhe tocar, me diga
Eu tomarei sua defeza;
E em artigos vibrantes
O escacho com certeza.

Quanta gloria, meu compadre,
Numa só noite colhi!
Imagine que por isso
Fui p'ra caza e não dormi.

Tinha na boca máo gosto,
Pêzada a cabeça eu tinha;
E de bebida estragado
Todo o meu ser então vinha

Já quando o galo cantava,
Da aurora ao fresco raiar,
Foi que pude, a muito custo,
O sono conciliar.

Então, dormi como um frade,
Acordei ao meio dia;
Meti as mãos n'aljibeira:
—Estava limpa e vazia!

Até a nota, compadre,
Que eu havia tomado
Dos nomes das senhoritas
Alguem me tinha roubado.



ARREDORES DE S. LUIZ—PANORAMA TIRADO DO GAZOMETRO

*Algum galuno, de certo,
Um galuno de salão,
Deixou assim depenado*

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

Os concursos de beleza

Le Matin, em correspondencia de Londres, diz o que se segue a respeito de um concurso de beleza, realizado na Inglaterra:

«A vitoria da beleza é, por toda a parte, a da Pariziense, e uma nova prova foi dada ha pouco, em Folkestone, onde, num concurso internacional de beleza, organizado pela municipalidade desta cidade, o primeiro premio foi concedido, por grande maioria de votos, á senhorita Augustine Orlhac, a rainha das rainhas de Pariz.

A morena e linda Pariziense, na entanto, teve de lutar, nesse concurso orijinal, contra as mais adoraveis inglezas e holandezas e tambem contra algumas das suas encantadoras compatriotas,—as rainhas do norte do França.

Eram em numero de doze as francezas, soberanas efemerass, com as suas damas de honra, que foram a Folkestone disputar a palma de beleza. Alem da senhorita Orlhac, estavam as senhoritas Dif e Chacque, de Pariz, suas damas de honor; a senhorita Hélène Gervais, a rainha da Normandia, e as suas companheiras, senhoritas Thuillier e Beaucousine, de Ruão; a soberana de Lille, senhorita Franchomme, a quem acompanhavam duas das mais graciosas compatricias, as senhoritas Boutmy e Beguin. Viam-se ainda tres deliciosas calaizianas, as senhoritas Louise Du-



S LUIZ—Parque 15 de Novembro (Local provavel da edificação da nova Escola de Aprendizizes Marinheiros)

tertre, Drollet e Clémence Fauquet, sedutoras todaś tres, no traje de pescadoras do paiz.

Chegaram a Folkestone escoltadas por alguns conselheiros municipais de Pariz, Lille, Ruão e Calais e foram acolhidos magnificamente. A multidão que se apinhava nos caes aclamou calorosamente as nossas jentis patricias, que, sorrindo graciosamente, correspondiam ás aclamações, enviando beijos.

Mas o seu verdadeiro triunfo aconteceu á noite, no Pier Pavillon, onde se realizou o concurso de beleza. Folkestone, em pézo, acorreu a esse lugar, e, quando se levantou a cortina, que ocultava a cena, sobre a qual as

belezas francezas, inglezas e outras se achavam, ao lado da vereação de Folkestone e dos conselheiros municipais francezes, houve em toda a sala um grito de admiração. Os olhares converjiam para a rainha de Pariz. Sentada sob um docel, no centro da cena, a senhorita Orlhac, com um rico vestido branco, apassamanado de ouro, tendo algumas joias ao redor do pescoco, dominava todas as suas competidoras. A rainha de Pariz tinha bem o ar de uma soberana, no meio da sua cõrte.

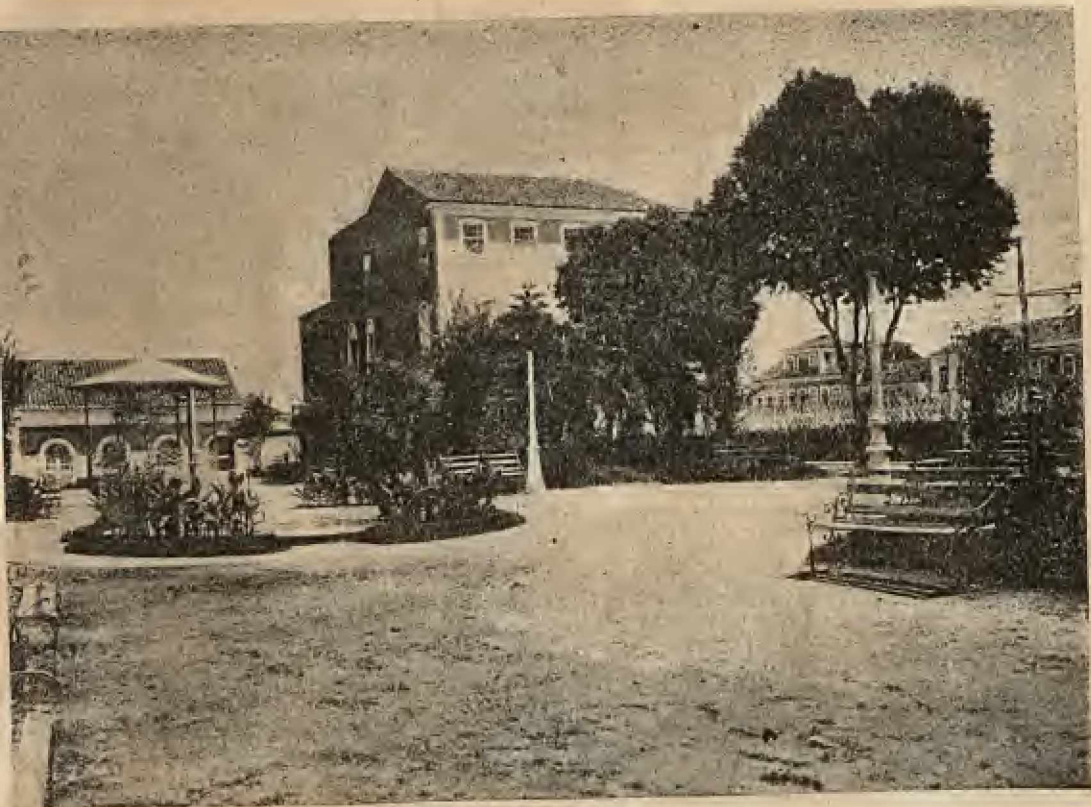
Quando chegou o momento de cada beleza avançar até á boca da cena, para saudar o publico, que, pelo seu voto, devia conceder os

SUPLEMENTO N. 4

A AVENIDA



VERTRIEBER



S. LUIZ MODERNA—Praça Benedicto Leite

premios, as aclamações tributadas á rainha de Pariz não deixaram duvida alguma sobre o resultado final.

Se bem que as belas das belas de Folkestone tivessem concorrido, a sala, julgando com a franqueza que lhes era pedida no convite assinado pelo sr. Forsyth, o organizador dêsse graciozo concurso, ofertou, por quase unanimidade, o primeiro premio de beleza, consistindo em um piano, do valor de mil francos, á rainha das rainhas de Pariz.

O segundo premio, uma bicicleta, coube á senhorita Carpentier, de Folkestone, e o terceiro, um relógio de ouro, a outra ingleza, a senhorita Luiza Ellis, de Tunbridge-Wells.

Depois, enquanto, córadas e comovidas, as lindas laureadas se in-

clinavam, sorrindo, para agradecer, toda a jente, para saudar, nesse interessante concurso, a vitoria da França, então, a plena voz, a «Marselheza».

—Dias após, efetuou-se, na mesma cidade, um concurso de beleza masculina.

Os concorrentes não foram numerosos e, a acreditar em alguns ingleses pouco galantes, isto deveu-se ao facto do premio, nesse concurso extravagante, consistir na mão de uma joven viuva, que é, não obstante; extremamente bonita.

Mocidade ocioza, faz velhice vergonhoza.

Cenas e tipos

O SMART

E' figura obrigada em qualquer boda,
No mundo vive de uma vã mirajem,
A olhar em torno, qual perú de roda,
Do vulgo a acreditar na vassalagem.

De *whisky*, *sandwichs* e de *soda*,
Como de polcas, fez aprendizagem;
Só escutando o *dernier cri* da moda,
Só no *dernier bateau* anda em viagem.

Na escola não saiu do prolegomeno
Das letras. De inversão por um fenomeno
Cruel, despreza a turba como a um tólo.

Um livro lê de onze em onze mezes,
Tem de cór trez vocabulos francezes
E muito mais gravata que miólo.

XYZ.

A Avenida historica

Em 1642 dá-se a insurreição dos lavradores do rio Itapecurú, a cuja frente se coloca Antonio Muniz Barreiros. A 30 de setembro, os sublevados, em numero de cincoenta, atacam e tomam os enjenhos da fôz do mesmo rio e do forte do Calvario, no Rozario.

—A 4 de outubro de 1759, é criado o logar S. João de Côrtes.

—Em 1788, o vigario da freguezia de N. S. da Vitoria, a unica então desta capital, arrola a sua população em 16.580 habitantes e 1482 fogos.

—Em 1793, tem comêço a construção do quartel do Campo d'Ourique, que ficou concluido em 1797.

—Em 1799, o capitão de mar e guerra Pio Antonio dos Santos estabelece, no Maranhão, a intendencia de marinha.

—No mesmo ano foram criadas, nesta cidade, as cadeiras publicas de filozofia, retórica, latim e gramatica da lingua portugueza e, em Alcantara, a de latim.

—Em 1842 comêçam a ser publicados o *Correio Maranhense* redijido pelo dr. Manuel Jansen Pereira e outros, e o *Dissidente*, que é depois substituido pelo *E'co da Opozição*, ambos estes sob a redação dos drs. Fabio A. Carvalho Reis, Fernando Vilhena, Francisco de Mello Coutinho de Vilhena e João Pedro Dias Vieira.

—Em 1746 organiza-se, nesta capital, sob a denominação de *Banco Commercial do Maranhão*, o primeiro estabelecimento de credito que tivemos, o qual, depois de prestar reais serviços ao comercio e á lavoura, é convertido em Caixa Filial do Banco do Brazil (1855).

—A 9 de outubro de 1853, funda-se, nesta cidade, o Gabinete Portuguez de Leitura. Em 1866, essa instituição tinha 231 socios e funcionava á rua da Paz, tendo a sua biblioteca 4.000 volumes.

O Gabinete era franqueado diariamente das 4 horas da tarde ás 9 da noite, sendo aos domingos das 9 da manhã ás 2 da tarde.—A. M.

As Andorinhas

Num Postal.

Mal vai tombando o sol para o poente,
Andorinhas alegres vêm pouzando,
Na beira de um *chalet*, onde contente,
Busca repouso o mensajeiro bando.

Mas o seu senhorio, intranzijente,
Manda espantal-o, atroz, de vez em quando;
E a passarada foje, descontente,
Entre gritos de dor, aos céus voando.

Se esconde enfim o sol, e o bando alado
Volta de novo em busca do telhado,
Oculto em denso véo do anoitecer.

E ali repouza em paz a calma fronte,
Até que o dia surja no horizonte
E a aurora em pleno azul vá se esconder.

Alarico Ramos.

SENHORAS MEDICAS

De alguns anos para cá, o numero de senhoras que se dedicam á arte de curar, doutorando-se em medicina, aumenta de uma maneira prodijioza.

Na lista dos estudantes de medicina das faculdades europeas e americanas, sobretudo do norte, o elemento feminino figura sempre com um continjente numerozo.

Existe mesmo mulheres medicas que têm alcançado a celebridade, como mme. Djerine, a celebre neurologista, Lydia Rubanowich, hijienista notavel, além de muitas outras que vivem, especialmente, na Russia, patria de mme. Curie, a professora de fisica da faculdade de ciencias de Paris.

Um paiz onde as mulheres medicas não eram numerozas era a Inglaterra; pois bem, agora as loiras miss estão se dedicando com afinco ao mistér clinico.

Segundo afirma o «Progrès Medical», existem actualmente 750 mulheres que exercem praticamente a medicina na Gran-Bretanha, como internas chefes de clinica medicas de hospícios, escolas, instituições de caridade, etc.

Ainda mais: ha em Londres um hospital, construido á moderna, possuindo sessenta leitos, e que é dirigido exclusivamente por senhoras portadoras da esmeralda simbólica.

CLUBE ORIJNAL

Em Vienna d'Austria foi instituido, ha pouco tempo, um clube de divorciadas.

Este clube não é mais que uma reunião de damas, dezejozas de rir um bocado entre si para se consolarem de ter achado mais espirito do que rozas no banquete nupcial.

O clube das divorciadas foi organizado sobre as bazes mais amplas,

porque os seus membros, na primeira assembléa geral, decidiram admitir não sómente as divorciadas autenticas, mas tambem as mulheres abandonadas pelos maridos, e que não pediram ou que não alcançaram divorcio.

As damas que se encontram nestas condições chamam-se membros de honra. São de certa maneira divorciadas honorarias.

E póde acrescentar-se que estes membros de honra do clube das divorciadas serão os mais fieis, visto não poderem sair da corporação, tomando novo marido.

Os estatutos deste clube cuidam tambem das condições sanitarias de suas associadas. Qualquer dellas que adoêça, sem meios para tratar-se é immediatamente socorrida.

Joãozinho fez grossa travessura, e o pai, depois de aplicar-lhe uns cascudos, diz-lhe:

— Pensas que eu te castigo por meu gosto ?

Joãozinho, enxugando as lagrimas:

— Sim, senhor... mas então é para dar gosto a quem ?

A' sesta

Dorme Georgêta num jardim gramado
Sobre rico tapêto de verdura;
Da mata o sabiá soluça endeixas
Terno misto de amor e de doçura.

Uma vêz, era á tarde, ella jazia
Num leito de jasmin e balsamina,
Sofrego a beijo na boquinha breve
Robicunda, mimoza e purpurina.

D'improvizo da moita de açucena
Brejeiro colibri ali postado
Assiste, enraivecido, toda a cena;

Vôa pela amplidão dezesperado,
Doudêja, foje, bate as azas... morre
Ouriçado de amor, ciume e pena.

Dr. Oscar Galvão

O Reino de Deus

(D'O MEZ DO ROZARIO)

Tanta injustiça, tanta iniquidade
Sem ter satisfação, sem ser punida;
Tanta mentira impavida e aplaudida,
Calcando aos pés a tímida verdade;

Tanto vicio a brilhar na sociedade
Sobre a virtude ignota, ou repelida;
Tanta palavra boa não ouvida,
Em quanto á má pertence a autoridade;

Tanta pura intenção tão deturpada...
Oh! quem pensa na vida assim errada,
Nao concebe se aduzam negações.

De outra vida, mais alta, mais perfeita,
De outra vida inefavel, toda feita
De premios, penas e compensações!

Affonso Celso.

Programa das peças que serão
executadas hoje, pela banda de mu-
zica do Corpo de Infantaria do Esta-
do, na praça João Lisbôa:

Lucia de Lamemour—Marcha
Il Guarany—Fantazia
Wilight—Walsa
Il Romessi Sposi—Fantazia
Os meus encantos—Schotisch
Vita nuova—Marzurka
Que graças—Polka
Duetto d'Africana—Dobrado.

A Avenida social

VIAJANTES E HOSPEDES

Assumiu o exercicio do cargo de delegado fiscal, em comissão, no nosso Estado, o ilustre dr. Luiz Sabino de Mello, 1.º escriptorio da alfandega de Paranaguá, que acaba de exercer identica comissão no Piahy.

Duma competencia comprovada nas multiplas e importantes comissões que tem exercido, o distinto funcionario, no dezempenho do novo

cargo que pelo sr. ministro da fazenda lhe foi confiado, continuará, estamos certo, a pôr em prova esse zelo e competencia que constituem o seu apanajio.

A Avenida saúda-o respeitosa-mente.

—Regressaram da Europa o rev. conego dr. Alvaro Lima, professor de francez no Liceu Maranhense, e o joven Carlos S. Oliveira Neves.

ANIVERSARIOS

Completaram anos:

a 30, o pequeno amanuense, professor e *causeur*, Luiz Vianna, que sonnegou ao «sistema» a *Super-ale* que lhe fôra oferecida pelo seu colega de majisterio, J. Viveiros.

a 1, a poetiza e normalista Laura Roza;

a 2, a gracioza senhorita Eulina Murta, filha do sr. José Gomes Murta.

Um sujeito encontrando um amigo que não via ha muito tempo, notou seu rosto triste e acabrunhado.

Condoído de o ver assim, perguntou-lhe qual era a orijem do seu padecer.

—E' um desgosto, respondeu o amigo, que por certo me levará á sepultura!

—Como assim? que desgosto será esse que motiva tão triste resultado?!

—A infidelidade de minha mulher, resdondeu o outro suspirando.

—Ora deixa-te de doçuras! D'esse mal nenhum marido morre, e até delle, muitos vivem!...

Rejisto da porta

Chico—Compareça a esta redação, que necessita dalguns informes sobre a sua carta aberta, que o correio nos trouxe com presteza.

Pigmeu—Crêsça e apareça, irmão.

CARTÕES DE VIZITA

COMPLETO SORTIMENTO D'ESTE ARTIGO

Especializando-se o de PERGAMINHO

Encontram-se na

TYPOGRAVURA TEIXEIRA

C O T Y

A ultima palavra em perfumaria

ESSENCIAS

IDYLLE e OEILLET FRANCE

A' VENDA NOS

Armazens Teixeira

SECÇÃO DE PERFUMARIA



Homem Prático

Pensam que vou ver a namorada ?
Enganam-se !

Se estou bem vestido e CHIC é porque encontrei uma casa onde com pouco dinheiro se pode um homem vestir como um secretario de legação... Duvidam ?

Pois vão ao PARC ROYAL de B. Xavier & Comp, á Praça João Lisboa e lá vereis se eu minto; aquillo é que é vender barato, o mais é historia.



SEMANARIO

ILUSTRADO

—DE—

LITERATURA

—E—

ARTE



A ADENIDA

PROPRIEDADE
DE UMA

EMPREZA

N.º 5 | ANO I

NUMERO AVULSO

200 RÉIS



MODAS

O CENTRO DAS NOVIDADES

Todas as pessoas de bom
tom devem comprar sempre
de preferencia no



GRANDE CHIC



porque ao par de mercadorias de pri-
meira ordem juntam-se preços sem ex-
emplo nesta Capital.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES

TODOS AO GRANDE CHIC



Rua de Nazareth, 44-Teleph. 106

A Avenida

S. LUIZ, 17 DE OUTUBRO DE 1909

Assinaturas:

Capital | MENSAL 800 rs.
SEMESTRAL 4.500 rs.
ANUAL 8.000 rs.

NUMERO AVULSO 200 rs

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
—NOS—
ESCRITORIOS D'A REVISTA DO NORTE
—Praça João Lisboa—



GENERAL DR. THAUMATURGO DE AZEVEDO
Comandante da Brigada Policial do Rio de Janeiro

Rétas e Curvas

—Sêbo !...—foi a palavra que explodiu (é o termo proprio) do labio do Luiz Vianna, quando se poz em marcha, domingo passado, a banda rejimental que fazia o concerto do passeio noturno da praça João Lisboa.

Ora, o Vianna não é absolutamente um melomano, que depois das 9 1/2 da noite e de duas e meia horas de concerto, quizesse ainda ficar a ouvir os agudos metais da banda.

Tambem não é um notambulo, que, despeitado por ter de ir para caza, visto não ficar mais ninguem na praça, deixasse sair, irreprimivel, o vocabulo que, não obstante o seu poder evocativo de coizas gordas (si bem que sêbo não seja gordura) nada tem de untuozo.

A perspicacia feminina da leitora já, de certo, compreendeu o *porque* dessa explosão.

O Altino entendeu logo. Entendeu e exclamou:

—Este *sêbo* vale um poema !... fraze que dá bem idéa do que é o exclamador: poeta e entendido no assunto.

O Astôlfo, que, por exceção estava só (quando se diz que o Astôlfo estava só é que, entende-se bem, não estava com o Zéca Pinheiro) tambem percebeu logo. Percebeu e deu uma rizadinha daquellas, que não comparando mal, são aos estalos, como as bichinhas de S. João.

E o Vianna, compreendido, seguiu o meio que elle proprio descobriu que o Corrêa de Araujo segue em certas ocasiões: uma gargalhada homérica, dessas que fazem cocegas á gente.

Si bem que esse *sêbo* irreprimivel e iracundo diga, no momento, um despeito, diz tambem idos momentos deliciosos.

Eu, como amigo, portanto, dezejo que elle o possa repetir todos os domingos. E creio que, nisso, não dezeja elle outra coisa além dum:—*Sêbo !...—D. B.*

Surpreza

Se acazo uma alma se fotografasse
De modo que nos mesmos negativos
A mesma luz fizesse em traços vivos
O nosso coração e nossa face,

E os nossos ideais, e os mais cativos
De nossos sonhos... Se a emoção que nasce
Em nós tambem nas chapas se gravasse,
Mesmo em ligeiros traços fujitivos...

Poeta ! tu terias com certeza
A mais completa e insolita surpresa
Notando, deste grupo bem no meio,

Que o mais belo, o mais forte, o mais ardente
Destes sujeitos é precisamente
O mais triste, o mais pálido, o mais feio...

Euclides da Cunha.

Cartas ao Chico do Prado

*Compadre,
que goze sempre
Boa saude e gordura,
A desfrutar nessa vila
Toda a sorte de ventura.*

*São os votos mais ardentes
Que eu faço aos ceus, meu amigo,
Pois quem vive na ventura
Está livre de perigo*

*Eu, por mim, meu bom compadre,
Vivo aqui num paraizo,
Metido com literatos
De fama, mas sem juizo.*

*Não chego p'ras encomendas,
Todos me querem a seu lado:
Vivem a dizer que o Cazuza
E' caporreiro letrado.*

*Olhe: domingo passado,
Mal fui entrando na praça,
O Barboza e o Vianinha
Com diplomacia e graça,*

*Cada um deu-me um abraço,
O Mingo rizonho vinha,
Deu-me seu lado direito
E o esquerdo ao Vianinha.*

*Chamando a nossa atenção,
Disse o petit: vejão isto
—Neste grupo do Sistema,
Mingo faz papel de Christo.*

*E, realmente, compadre,
Estava crucificado,
Pois elle vinha no centro,
E um petit de cada lado.*

*P'ra ser do Calvario o quadro
Faltava apenas a cruz,
E não se saber ao certo
Qual dos trez era Jezus.*

*Os petits eram dois anjos,
Limpos de todo o pecado;
O outro... (te desconjuro!)
Era um maçon desbragado*

*Mas, assim mesmo, compadre,
Outro geito não havia,
Sinão do maçon danado
Aturar a companhia.* +

*E nunca vi, lhe garanto,
Ser chaleira e engrossador
Mais do que foi esse grupo
De moços da fina flor.*

*Vou contar-lhe: o Jerominho
E' muito antigo parente
Do Domingues e, portanto,
O engrossa toda a gente.*

*E, sem duvida, por isso,
Durante o passeio então
Todos nós, por chaleirismo,
Trouxemos chapéus na mão.*

*Dizia o petit Vianinha,
Olhando p'ro Jerominho:
Vejo que estás remocando,
Ficando mais bonitinho.*

*Acho-te até parecido
Com o tio Governador;
Tens delle o mesmo semblante,
Trajas com o mesmo rigor.*

*Volveu o Mingo, em seguida:
Um conto vou escrever,
Onde porei em destaque
O teu talento e saber.*

*Direi que nas matematicas
Outro Laplace tu és;
Para o povo que tem sede
E's qual um outro Moizés.*

*Eu, por meu turno, então disse:
Tenho um presente, Viceiros,
Para te dar—bem criado,
Criado entre meus vaqueiros,*

*Grande e manso e de talento,
Si elle soubesse falar,
Tinhas nelle, com certeza,
Um perfeito auxiliar.*

*Escreve corretamente,
Pelo sistema moderno;
E tem de versos e contos
Um bem crescido caderno.*

*E' cria lá da fazenda,
No prato come a ração;
Quantas vezes não lhe hei dado
Carne cozida e pirão?*

*Pertence á mais pura raça
E teu cavaignac até.
Por B começa-lhe o nome,
Terminando por DE.*

.....
*E nesse mar sem limites,
Imenso, profundo mar,
De chaleirismo, de engrossa,
Vimos a noute passar.*

*Adeus, meu caro compadre,
Dê um beijinho ao Janjão,
Que lhe manda seu padrinho,*

GAZUZA DA CONCEIÇÃO.

Fitas locais

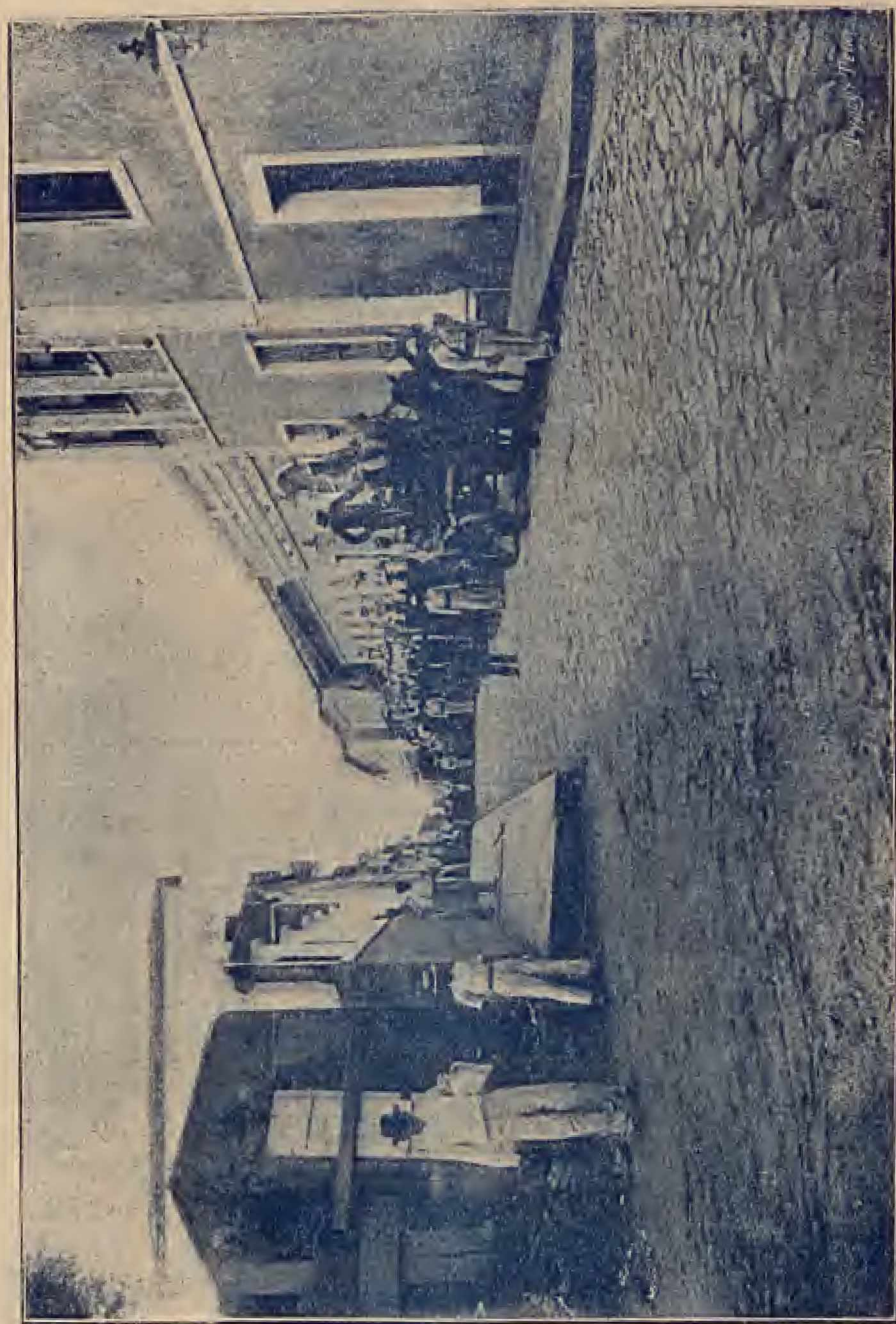
6S EDUCANDOS E O JGGG

Personagens: Antenor, quinquagenário, pretendo rejenerador dos costumes, e Carneiro, ex-estudante e ex-caxeiro e atual descontador...

Na Avenida Silva Maia, ao cair da tarde.

CARNEIRO, dirigindo-se ao Antenor, empertigado num banco.—Então que historia é essa duma escola profissional, que se vai fundar aqui?

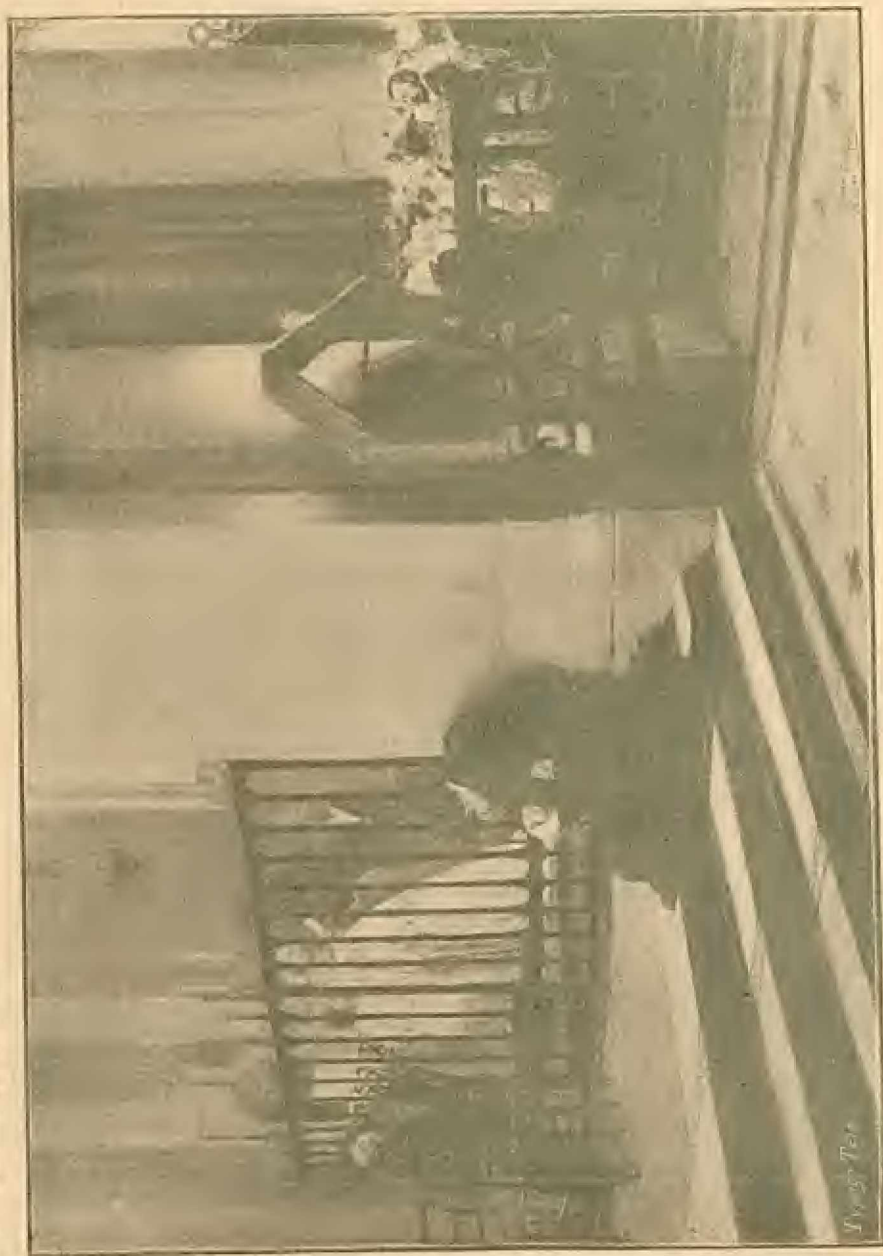
ANTENOR, espantado.—Historia?! E' a volta da Caza dos Educandos; é a rejeneração dos costumes desta



S. LUIZ—Quartel da Companhia de Bombeiros—As forças
formadas com o material

A AVENIDA

SUPLEMENTO N. 5



A Abandonada

santa terra; é a derrota completa da vagabundagem!

CARNEIRO.—Então aqui, pelo que me diz, não ha bons costumes?

ANTENOR.—Já houve muita moralidade, nos tempos em que os homens encaravam a sério a sorte de nosso futuro. *(Formalizando-se)* Então você acha mesmo que, se nós tivéssemos um presidente da força de dr. Maia ou do Olimpio Machado, estava a gente a tragar todos os dias, sem ter para quem apelar, essa jogatina que ja tomou conta da cidade inteira?!

CARNEIRO.—Mas não são os pobres somente que jogam. Tenho visto muitos ricos pelos botequins a arriscar a sorte...

ANTENOR.—O jogo, meu caro, é um vicio como o da tiorga ou outro qualquer. Entretanto, consentem-no, sabendo, embora, que os codigos o proíbem...

CARNEIRO.—Então?

ANTENOR.—... e em todos os países civilizados, bem o sei. Mas de que tem servido a proibição? Esta, é certo, mantém vivamente a sua ação por toda a parte, e com bastante opulencia, chegando até á arbitrariedade. Porém que lucra?

CARNEIRO.—Sempre o temor original recalcitantes...

ANTENOR.—Como? se o vicio zomba triunfante dos legisladores? Quantos conheço eu que dão o beicinho por uma partida! Quantos tem o atractivo por aquillo por elles proprios condemnado!

CARNEIRO.—Não vejo, então, em que consiste o remedio que a nova escola profissional nos virá trazer contra o jogo.

ANTENOR, *admirado* —Trará a regeneração dos nossos filhos, sabido estarmos nós já bastante calejados e sermos préza dum mal sem cura! Agarre-se nessa porção de rapazolas vadios que por aí andam, dê-se-lhes instrução e guie-se-lhes no caminho

do Bem e teremos a Rejeneração benéfica e sacrosanta.

CARNEIRO.—Nesse cazo, é prolongar o estado de coizas por você mesmo abominado. Até que essas crianças se transformem em chefes de familia e pratiquem o que lhes fôr ensinado, o jogo, a pensar consigo, terá já escandalizado o snobismo virtuozo dessa nossa pacata e adorada S. Luiz.

ANTENOR —Quando o mal entra, não é sem dificuldade que se o afasta. Os que hoje jogam não o fazem porque a rolêta seja permitida; ao contrario, é por ter ella o atractivo da proibição.

CARNEIRO, *espantado*.—E daí?!

ANTENOR.—E' o salutar efeito que a liberdade tem de não dezañar a contradição sempre permanente entre a ação do individuo e os dispozi-tivos das leis.

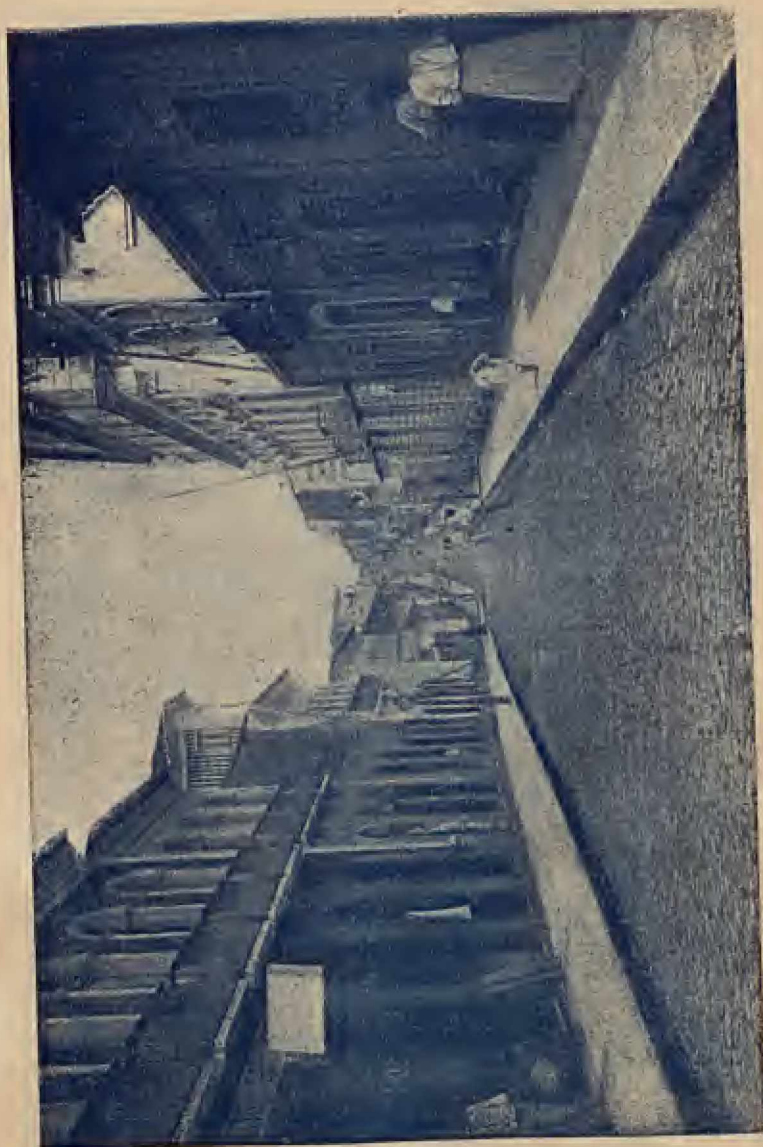
CARNEIRO. — Concorda comigo... Só não se proibindo o jôgo é que elle diminuirá? Acoitando-o, acoroçoando-o, elle se sumirá aos poucos... Cada vez lhe compreendo menos; salvo se no novo instituto haverá uma cadeira em que se ensine ser crime o jôgo...

ANTENOR.—Mas se ensinará o que é bom e nobilitante, e o meio do educando precaver-se contra o que fôr máu e infamante. *(Entuziasmado-se)*—A Caza dos Educandos era dum proveito real a tudo e a todos. Ali, *(apontando para as ruínas da praça da Republica)* aprendia-se todos os officios; dali, saía-se um muzico primorozo! A criança imberbe *(potético)* e tola que para lá entrava transformava-se num cidadão forte, educado, gentil. Entrava-se tropego, saía-se robusto...

CARNEIRO, *troçando*.—E, ás vezes, maluco...

ANTENOR, *indignado*.—Não blasfemes. Isso que diz não é escudado em provas.

CARNEIRO—Sim, senhor. Saíam.



S LUIZ - BUA DO SOL

quaze todos com a mocidade amortalhada no trabalho incessante a que o rejimen do internato os obrigava. Eram vitimas duma escravização disfarçada, *seu* Antenor, de que lhes resultava o atrofiamento do cerebro. Esses pobres rapazes que tinham a infelicidade...

ANTENOR, *interrompendo-o*—Quem lhe afirmou tal coisa ? Isso é uma infamia que se não deve repetir ! A cidade ainda está cheia dêsses que receberam os salutareos beneficios duma instituição que a politicajem maldoza e perversa extinguiu. Os nossos melhores artistas, os nossos mais conceituados muzicistas, donde saíram ? Quando uma criança se ia pondo rapáz e estava a querer ser um peralta, a gente tinha nos Educandos a sua taboá salvadora. A transformação se operava miraculozamente.

CARNEIRO, *rezoluto*.—Quer saber que mais ? Você tem razão. Até logo ! *(E tomou o automovel que descia a rua do Sol)*.

ANTENOR, *apostofrando*.—Vai ! vai á rolêta, que já são horas ! *(E que-dou-se a pensar na sua mocidade tão recatada e invejavel)*.

A lua vinha ascendendo a projetar luz serena e benefica. Os bancos da praça Deodoro, ainda mornos pelo sol que durante a tarde lhes crestava, eram rejeitados pelos *habitues* que procuravam a Avenida; á cata dum pouco de ar puro e um pouco de descanso confortador.—A. M.

NOIVOS

Para o Altino Rego

Na primavera da vida, fizeram um romance os dois: ver, sorrir, gostar, pedir, p'ra cazar mezes depois.

Nelle desponta o bigode, nella a idade inda é botão: nelle quatro, e nelle tres vezes os dedos da mão, contando os anos rizonhos, recor-

dam os anos floridos, passados em sonhos doces, entre rizos decorridos.

Elle parte. Num navio, rasga a cortina do mar de sedas verdes e rendas que o vento vive a rasgar...

Ella fica e passa mezes e mezes na soledade, tẽ que, aos poucos, diluindo, vai a agrura da saudade. Depois reflete e o rozado do rosto vem do arrebol, misturar á tinta e os olhos á luz doirada do sol vem mostrar, para que o astro os saiba, como elle, bẽlos, e, á noite, os mostra ás estrêlas, sob a noite dos cabelos... E' que é mulher e vaidosa, e, si quer que a luz os veja é, talvez, para ás estre-las e ao sol fazer inveja...

Mas, o olhar que rebrilha, o meigo olhar que seduz, tal qual fazem certos astros, esconde num eclipse a luz. Mas porque ? ! Pará ocultar-se não ha nenhuma razão; si vem o noivão com ella... guardado no coração.

O sol pertence ao espaço, o sol não é de ninguem, mas, sobre os ceus e as terras espalha a luz o bem...

Dacio Barreto.

A uma noiva

Vem, minha muza, vem, toda enfeitada,
Eu preciso de ti, vem companheira;
Veste das finas tintas d'alvorada
A rozea cõr sublime e alviçareira.

Vamos compor um hino, uma balada,
Onde a rima feliz e lizonjeira
Venha nas azas de uma ave alada
A transbordar de brilho, prazenteira.

Que a estrela Venus, a estrela do poeta,
Do pastor companheira predileta,
Cheia de luz, resplandecente e bela;

Nos acompanhe no sublime intento
De um hino cantar neste momento
O noivado feliz de Dona Estela.

Alarico Ramos.

Lôla

Para o Domingos Barboza

I

Quando, Lôla, te amei tu eras bem criança,
Da beleza sem par no majico fulgor;
E mais flor do que a flor da perfumada trança
—Teu seio virjinal dezabrochava em flor.

Nesse tempo feliz, no tempo da esperança
De venturas sem fim, das iluzões do amor,
Não cuidavas sequer, não vinha-te á lembrança
Que aquelle que hoje ri chora amanhã de dor.

Pezar disso, porem, és bela como outr'ora:
A mesma luz no olhar, a mesma que a aurora
Por inveja, talvez, em vão busca imitar!

Ah! que eu podesse, flor, cercar-te de alegrias!
Fosse-me dado um ceo—tu n'elle viverias,
Devesse embora eu bem lonje sempre estar!

II

Foi assim que te amei. Vê quanto amor eu
tinha,
Quanto affeto por ti sentia o coração!
Foi assim que te amei. Paixão maior que a
minha
Jamais pudera haver, nem mesmo igual
paixão!

Rendida a teu poder, minha alma se detinha,
Num pequenino altar, a te adorar então:
A santa desse altar eras tu só;—continha
Um nome—o nome teu,—a única oração.

Eu sonhava formar... (que rizonho castelo!)
Lôla!—formar um só, abençoado elo,
E com elle prender o teu destino ao meu...

Sonho infeliz que foi! Mas inda assim, intensa
Sinto a mesma paixão, uma paixão imensa,
Profunda como o mar, infinda como o céu!

Og de Sá.

A Avenida historica

Em 1815, conclue-se e começa a
funcionar o nosso teatro, sob a de-
nominação de *União*. Passando elle
a pertencer á provincia, depois de
todo reconstruido, denominou-se *S.
Luiz* (1852).

A construção do mesmo teatro,
iniciada por Eleuterio da Silva Lopes
Varella e Estevão Gonçalves Braga,
foi por meio de subscrição, em 1815,
sendo o terreno aforado ao Conven-
to do Carmo.

O custo dessa obra inicial foi de
doze contos de reis e o governo conce-
deu-lhe um certo numero de loterias
para manutenção dos espetaculos.

—No ano de 1821, o capitão gene-
ral d. Bernardo da Silveira criou a
repartição da vacina, cujos excelen-
tes efeitos profilaticos eram já por to-
dos conhecidos.

A. M.

Concurso de elegancia

Rezolveu A *Avenida* fazer tam-
bem o seu concurso, que será de
elegancia.

Os nossos amabilissimos leitores
deverão até 23 de Dezembro proximo,
remeter a esta redação, os *cupões* ane-
xos, que deverão conter o nome da
elegante senhorita votada e o do elei-
tor.

A apuração far-se-á vespera de
Natal e a vencedora será entregue
um lindo mimo, que consistirá num
custozo relolio de oiro para senhora.

Rejisto da porta

CHICO DO PRADO—Recebemos a
sua segunda missiva. Está, realmen-
te, sublime, com a graça e o espirito
da primeira. Sentimos, porem, ter-
mos de dizer-lhe que mantemos a
nossa resolução inabalavel de não
podermos precindir de sua presença
para nos explicar umas certas coi-
zas... Ser-lhe-ia muito difficil sacrifi-
car, por uns dias, os carinhos da *Pre-
petinha* e, dar um pulo cá á cidade,
á nossa redação?

ARMÁRIO 03
A Avenida (236)
SÃO LUÍS - MA
1909

duplicate



das
ntes,
sinceri-

A Avenida

S. LUIZ, 10 DE OUTUBRO DE 1903

Assinaturas:
Capital | MENSAL 800 rs.
SEMESTRAL 4.500 rs.
ANUAL 8.000 rs.
NUMERO AVULSO 200 RS.

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
—NOS—
ESCRITÓRIOS D'A REVISTA DO NORTE
—Praça João Lisboa—

Rétas e Curvas

Vimo-nos, nós da comissão dos passeios da praça João Lisboa, num verdadeiro atropello.

Prometemos um premio mensal á melhorista que mais sinjelamente trada se apresentasse nesses passeios.

Qual a vencedora ? Todas. Porque todas se apresentaram sinjelamente vestidas.

Não sou dos que condenam em absoluto a moda. Basta, para justifica-la, fazer ella um aspéto da evolução.

O que convém é que evolua dentro dos limites do bom gosto e das regras da hijiene.

O que é preciso é condenar o excesso, o abuzo, o exajero e, mais que tudo, o luxo berrante.

Não quereria, por exemplo, que voltassemos aos tempos da Grecia homericã, de amplas e panejantes tunicas de linho alvissimo e nos quais o adorno, que aliaz deveria voltar, era uma grinalda de anemonas ou de rozas.

Nem isso nem aquelles penteados da côrte futil de Maria Antoniêta, nos quais se elevava uma transcendente mistura de adornos abundantes e vastos.

Nem a auzencia quaze absoluta da moda, nem a sua quintessencia extravagante e ridicula.

Modus in rebus, si me permitem e me perdoam o latim.

Como está é que está bem.



Vieira da Silva—Da Academia Maranhense, Oficina dos Novos e Universidade Popular Maranhense. Acadenico de direito e Official de gabinete do Governador do Estado. Publicou *Poesias*, livro de real merito que lhe deu nomeada, consagrando-o um dos mais talentozos artistas do verso da geração prezente.

Para um passeio ao grande ar, roupas leves e claras, muito claras, pondo na noite a sua mancha alacre e ridente.

Quanto ao premio — como deve isso alegrar a todos !—é um aplauzo que como o orvalho que alegra todas as corólas, cái sobre todas as frentes, numa chuva perfumada de sinceridade.—D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

Meu caro compadre e amigo:
Na minha carta passada,
Eu lhe disse estar doente
Por cauza da patiscada,

Em que estive metido
Na festa de Riba-Mar,
Da qual regressei saudozo,
Com vontade de voltar.

Hoje, porém, são e salvo
Do perigo que corri,
Volto a dar-lhe outras noticias
Do que no domingo vi.

Fui á praça João Lisboa;
Estava tão concorrida,
Que a gente ali mal podia
Fazer a sua avenida.

Por isso, numa cadeira
Sentei-me todo orgulhozo,
Vendo passar junto a mim
O mundo chic e formozo.

Peguei num papel e lapis
E fui depressa escrevendo
Os nomes das senhoritas,
Que no passeio ia vendo.

Vinte tiras de papel
Com doces nomes enchi,
Desde as moças mais formozas
Até a loira guri.

E disse todo contente:
Compadre, toma um fartote,
Desta vez eu cito os nomes,
De notas tenho um pacote.

Nisto de mim se aproximam
O Bricio Filho e o Bonfim,
Vianinha, Mingo e Lobo,
E eu fiquei cercado, assim.

Então, numa proza alegre,
Todos nós juntos ficamos;
E a convite do Bricio,
Muita cerveja tomamos.

Sentado numa mezinha,
Em frente ao Café Chinez,
Ficou o resto da noite
O nosso grupo de seis.

Eu brindei o Bricio e o Lobo,
Bonfim brindou Vianinha,
E o Mingo, de improviso,
Brindou a toda rodinha.

Neste pé, quando se estava,
De cerveja a meza cheia,
Juntou-se a nós um poeta
Que elles chamaram—Corrêa.

O Lobo, estendendo a destra,
Fez esta apresentação:
—Seu Corrêa de Araujo,
Cazuza da Conceição!

Mandeí então vir champagne,
Bebemos garrafa e meia,
Depois do que fui brindado
Com um soneto do Corrêa.

Soneto que lhe remeto
Em o proprio original,
Pra você ler e dizer-me
Que tal o acha, que tal.

Esse poeta é bem moço,
Tres livros tem publicados,
Que foram de norte a sul
Nos jornaes elojiados

Ao dissolvermos o grupo,
O Lobo me disse:—amigo,
Você já é do Sistema,
Cazuza, conte comigo.

Se alguém lhe tocar, me diga
Eu tomarei sua defeza;
E em artigos vibrantes
O escacho com certeza.

Quanta gloria, meu compadre,
Numa só noite colhi!
Imagine que por isso
Fui pra caça e não dormi.

Tinha na boca máo gosto,
Pézada a cabeça eu tinha:
E de bebida estragado
Todo o meu ser então vinha.

Já quando o galo cantava,
Da aurora ao fresco raiar,
Foi que pude, a muito custo,
O sono conciliar.

Então, dormi como um frade,
Acordei ao meio dia;
Meti as mãos n'aljibeira:
—Estava limpa e vazia!

Até a nota, compadre,
Que eu havia tomado
Dos nomes das senhoritas
Alguem me tinha roubado.



ARREDORES DE S. LUIZ—PANORAMA TIRADO DO GAZOMÉTRO

*Algun gatuno, de certo,
Um gatuno de salão,
Deixou assim depenado*

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

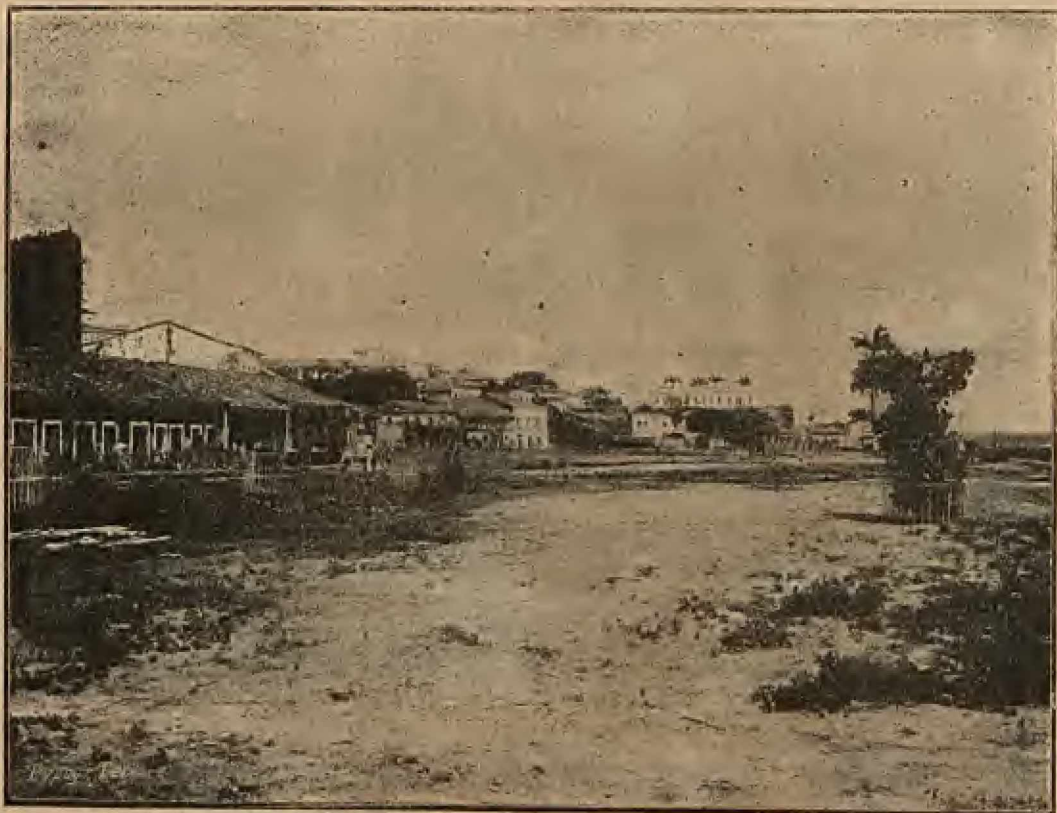
Os concursos de beleza

Le Matin, em correspondencia de Londres, diz o que se segue a respeito de um concurso de beleza, realizado na Inglaterra:

«A vitoria da beleza é, por toda a parte, a da Pariziense, e uma nova prova foi dada ha pouco, em Folkestone, onde, num concurso internacional de beleza, organizado pela municipalidade desta cidade, o primeiro premio foi concedido, por grande maioria de votos, á senhorita Augustine Orlhac, a rainha das rainhas de Pariz.

A morena e linda Pariziense, na entanto, teve de lutar, nesse concurso orijinal, contra as mais adoraveis inglezas e holandezas e tambem contra algumas das suas encantadoras compatriotas,—as rainhas do norte do França.

Eram em numero de doze as francezas, soberanas efeimeras, com as suas damas de honra, que foram a Folkestone disputar a palma de beleza. Alem da senhorita Orlhac, estavam as senhoritas Dif e Chacque, de Pariz, suas damas de honor; a senhorita Hélène Gervais, a rainha da Normandia, e as suas companheiras, senhoritas Thuillier e Beaucousine, de Ruão; a soberana de Lille, senhorita Franchomme, a quem acompanhavam duas das mais graciosas compatricias, as senhoritas Boutmy e Beguin. Viam-se ainda tres deliciosas calaizianas, as senhoritas Louise Du-



S. LUIZ—Parque 15 de Novembro (Local provavel da edificação da nova Escola de Aprendizizes Marinheiros)

tertre, Dröllet e Clémence Fauquet, sedutoras todas tres, no traje de pescadoras do paiz.

Chegaram a Folkestone escoltadas por alguns conselheiros municipaes de Pariz, Lille, Ruão e Calais e foram acolhidos magnificamente. A multidão que se apinhava nos caes aclamou calorosamente as nössas jentis patricias, que, sorrindo graciosamente, correspondiam ás aclamações, enviando beijos.

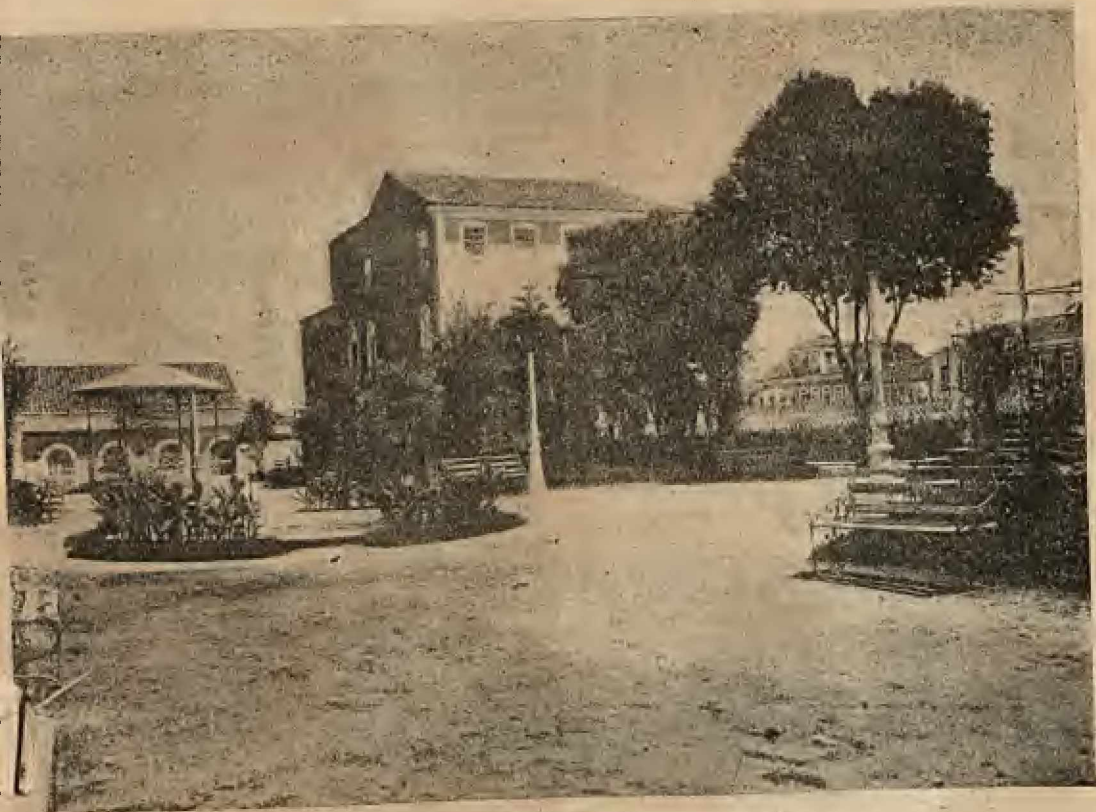
Mas o seu verdadeiro triunfo aconteceu á noite, no Pier Pavillon, onde se realizou o concurso de beleza. Folkestone, em pezo, acorreu a esse lugar, e, quando se levantou a cortina, que occultava a cena, sobre a qual as

belezas francezas, inglezas e outras se achavam, ao lado da vereação, de Folkestone e dos conselheiros municipaes francezes, houve em toda a sala um grito de admiração. Os olhares converjiam para a rainha de Pariz. Sentada sob um docel, no centro da cena, a senhorita Orlhac, com um rico vestido branco, apassamanado de ouro, tendo algumas joias ao redor do pescoco, dominava todas as suas competidoras. A rainha de Pariz tinha bem o ar de uma soberana, no meio da sua cõrte.

Quando chegou o momento de cada beleza avançar até á boca da cena; para saudar o público, que, pelo seu voto, devia conceder os



ROBERTO J. LEIZOLA



S. LUIZ MODERNA — Praça Benedito Leite

premios, as aclamações tributadas á rainha de Pariz não deixaram duvida alguma sobre o resultado final.

Se bem que as belas das belas de Folkestone tivessem concorrido, a sala, julgando com a franqueza que lhes era pedida no convite assinado pelo sr. Forsyth, o organizador desse graciozo concurso, ofertou, por quase unanimidade, o primeiro premio de beleza, consistindo em um piano, do valor de mil francos, á rainha das rainhas de Pariz.

O segundo premio, uma bicicleta, coube á senhorita Carpentier, de Folkestone, e o terceiro, um relógio de ouro, a outra ingleza, a senhorita Luiza Ellis, de Tunbridge-Wells.

Depois, enquanto, córadas e comovidas, as lindas laureadas se in-

clinavam, sorrindo, para agradecer, toda a jente, para saudar, nesse interessante concurso, a vitoria da França, entoou, a plena voz, a Marselheza».

—Dias após, efetuou-se, na mesma cidade, um concurso de beleza masculina.

Os concorrentes não foram numerosos e, a acreditar em alguns ingleses pouco galantes, isto deveu-se ao facto do premio, nesse concurso estravagante, consistir na mão de uma joven viuva, que é, não obstante, extremamente bonita.

Mocidade ocioza, faz velhice vergonhóza.

Cenas e tipos

O SMART

E' figura obrigada em qualquer boda,
No mundo vive de uma vã mirajem,
A olhar em torno, qual perú de roda,
Do vulgo a acreditar na vassalajem.

De *whisky*, *sandwichs* e de *soda*,
Como de polcas, fez aprendizagem;
Só escutando o *dernier cri* da moda,
Só no *dernier bateau* anda em viagem.

Na escola não saiu do prolegomeno
Das letras. De inversão por um fenomeno
Cruel, despreza a turba como a um tólo.

Um livro lê de onze em onze mezes,
Tem de cór trez vocabulos francezes
E muito mais gravata que miolo.

XYZ.

A Avenida historica

Em 1642 dá-se a insurreição dos lavradores do rio Itapecurú, a cuja frente se coloca Antonio Muniz Barreiros. A 30 de setembro, os sublevados, em numero de cincoenta, atacam e tomam os enjenhos da fóz do mesmo rio e do forte do Calvario, no Rozario.

—A 4 de outubro de 1759, é criado o lugar S. João de Côrtes.

—Em 1788, o vigario da freguezia de N. S. da Vitória, a unica então desta capital, arrola a sua população em 16.580 habitantes e 1482 fogos.

—Em 1793, tem comêço a construção do quartel do Campo d'Ourique, que ficou concluido em 1797.

—Em 1799, o capitão de mar e guerra Pio Antonio dos Santos estabelece, no Maranhão, a intendencia de marinha.

—No mesmo ano foram criadas, nesta cidade, as cadeiras publicas de filozofia, retórica, latim e gramatica da lingua portugueza e, em Alcantara, a de latim.

—Em 1842 começam a ser publicados o *Correio Maranhense* redijido pelo dr. Manuel Jansen Pereira e outros, e o *Dissidente*, que è depois substituido pelo *E'co da Oposição*, ambos estes sob a redação dos drs. Fabio A. Carvalho Reis, Fernando Vilhena, Francisco de Mello Coutinho de Vilhena e João Pedro Dias Vieira.

—Em 1746 organiza-se, nesta capital, sob a denominação de *Banco Commercial do Maranhão*, o primeiro estabelecimento de credito que tivemos, o qual, depois de prestar reais serviços ao commercio e á lavoura, é convertido em Caixa Filial do Banco do Brazil (1855).

—A 9 de outubro de 1853, fundase, nesta cidade, o Gabinete Portuguez de Leitura. Em 1866, essa instituição tinha 231 socios e funcionava á rua da Paz, tendo a sua biblioteca 4.000 volumes.

O Gabinete era franqueado diariamente das 4 horas da tarde ás 9 da noite, sendo aos domingos das 9 da manhã ás 2 da tarde.—A. M.

As Andorinhas

Num Postal.

Mal vai tombando o sol para o poente,
Andorinhas alegres vêm pouzando,
Na beira de um *chalet*, onde contente,
Busca repouso o mensajeiro bando.

Mas o seu senhorio, intranzijente,
Manda espantal-o, atroz, de vez em quando;
E a passarada foje, descontente,
Entre gritos de dor, aos céus voando.

Se esconde enfim o sol, e o bando alado
Volta de novo em busca do telhado,
Oculto em denso véo do anoitecer.

E ali repouza em paz a calma fronte,
Até que o dia surja no horizonte
E a aurora em pleno azul vá se esconder.

Alarico Ramos.

SENHORAS MEDICAS

De alguns anos para cá, o numero de senhoras que se dedicam á arte de curar, doutorando-se em medicina, aumenta de uma maneira prodijioza.

Na lista dos estudantes de medicina das faculdades européas e americanas, sobretudo do norte, o elemento feminino figura sempre com um contingente numerozo.

Existe mesmo mulheres medicas, que têm alcançado a celebridade, como mme. Djerine, a celebre neurologista, Lydia Rubanowich, higienista notavel, além de muitas outras que vivem, especialmente, na Russia, patria de mme. Curie, a professora de fizica da faculdade de ciencias de Paris.

Um paiz onde as mulheres medicas não eram numerosas era a Inglaterra; pois bem, agora as loiras miss estão se dedicando com afincio ao mistér clinico.

Segundo afirma o «Progrès Medical», existem actualmente 750 mulheres que exercem praticamente a medicina na Gran-Bretanha, como internas chefes de clinica medicas de hospícios, escolas, instituições de caridade, etc.

Ainda mais: ha em Londres um hospital, construido á moderna, possuindo sessenta leitos, e que é dirigido exclusivamente por senhoras portadoras da esmeralda simbolica.

CLUBE ORIJINAL

Em Vienna d'Austria foi instituido, ha pouco tempo, um clube de divorciadas.

Este clube não é mais que uma reunião de damas, dezejozas de rir um bocado entre si para se consolarem de ter achado mais espirito do que rozas no banquete nupcial.

O clube das divorciadas foi organizado sobre as bases mais amplas,

porque os seus membros, na primeira assembléa geral, decidiram admitir não sómente as divorciadas autenticas, mas tambem as mulheres abandonadas pelos maridos, e que não pediram ou que não alcançaram divorcio.

As damas que se encontram nestas condições chamam-se membros de honra. São de certa maneira divorciadas honorarias.

E póde acrescentar-se que estes membros de honra do clube das divorciadas serão os mais fieis, visto não poderem sair da corporação, tomando novo marido.

Os estatutos deste clubê cuidam tambem das condições sanitarias de suas associadas. Qualquer dellas que adoêça, sem meios para tratar-se é immediatamente socorrida.

Joãozinho fez grossa travessura, e o pai, depois de aplicar-lhe uns cascudos, diz-lhe:

—Pensas que eu te castigo por meu gosto?

Joãozinho, enxugando as lagrimas:

—Sim, senhor... mas então é para dar gosto a quem?

A' sesta

Dorme Georgêta num jardim gramado
Sobre rico tapêto de verdura;
Da mata o sabiá soluça endeixas
Terno misto de amor e de doçura.

Uma vêz, era á tarde, ella jazia
Num leito de jâsmin e balsamina,
Sofrego a beijo na boquinha breve
Robicunda, mimoza e purpurina.

D'improvizo da moita de açucêna
Brejeiro colibri ali postado
Assiste, enraivecido, toda a cena;

Vôa pela amplidão dezesperado,
Doudêja, foje, bate as azas... morre
Ouriçado de amor, ciume e pena.

Dr. Oscar Galvão

O Reino de Deus

(D'O MEZ DO ROZARIO)

Tanta injustiça, tanta iniquidade
Sem ter satisfação, sem ser punida;
Tanta mentira impavida e aplaudida,
Calcando aos pés a tímida verdade;

Tanto vicio a brilhar na sociedade
Sobre a virtude ignota, ou repelida;
Tanta palavra boa não ouvida,
Em quanto á má pertence a autoridade;

Tanta pura intenção tão deturpada...
Oh! quem pensa na vida assim errada,
Não concebe se aduzam negações.

De outra vida, mais alta, mais perfeita,
De outra vida infavel, toda feita
De premios, penas e compensações!

Affonso Celso.

Programa das peças que serão executadas hoje, pela banda de música do Corpo de Infantaria do Estado, na praça João Lisboa:

Lucia de Lamemour—Marcha

Il Guarany—Fantazia

Wilight—Walsa

Il Romessi Sposi—Fantazia

Os meus encantos—Schotisch

Vita nuova—Marzurka

Que graças—Polka

Duetto d'Africana—Dobrado.

A Avenida social

VIAJANTES E HOSPEDES

Assumiu o exercicio do cargo de delegado fiscal, em comissão, no nosso Estado, o illustre dr. Luiz Sabino de Mello, 1.º escrivuario da alfândega de Paranaguá, que acaba de exercer identica comissão no Piahy.

Duma competencia comprovada nas multiplas e importantes comissões que tem exercido, o distinto funcionario, no dezempenho do novo

cargo que pelo sr. ministro da fazenda lhe foi confiado, continuará, estamos certo, a pôr em prova esse zelo e competencia que constituem o seu apanajio.

A Avenida saúda-o respeitosa-mente.

—Regressaram da Europa o rev. conego dr. Alvaro Lima, professor de francez no Liceu Maranhense, e o joven Carlos S. Oliveira Neves.

ANIVERSARIOS

Completeram anos:

a 30, o pequeno amanuense, professor e causeur, Luiz Vianna, que sonnegou ao «sistema» a *Super-ale* que lhe fôra oferecida pelo seu colega de majisterio, J. Viveiros.

a 1, a poetiza e normalista Laura Roza;

a 2, a graciosa senhorita Eulina Murta, filha do sr. José Gomes Murta.

Um sujeito encontrando um amigo que não via ha muito tempo, notou seu rosto triste e acabrunhado.

Condoido de o ver assim, perguntou-lhe qual era a orijem do seu padecer.

—E' um desgosto, respondeu o amigo, que por certo me levará á sepultura!

—Como assim? que desgosto se-
ra esse que motiva tão triste rezulta-
do?

—A infidelidade de minha mu-
lher, respondeu o outro suspirando.

—Ora deixa-te de doçuras! D'es-
se mal nenhum marido morre, e até
delle muitos vivem!...

Rejisto da porta

Chico—Compareça a esta redação, que necessita dalguns informes sobre a sua *carta aberta*, que o correio nos trouxe com presteza.

Pigmeu—Crêsça e apareça, irmão.

SEMANARIO
ILUSTRADO

— DE —

LITTERATURA

— E —

ARTE



A ADENIADA



PROPRIEDADE
DE UMA

EMPREZA

N.º 3 | ANO I

NUMERO AVULSO

200 RÉIS

Parc Royal

Praça João Lisboa

Neste estabelecimento encontra-se sempre grande e variado sortimento de artigos de modas para homens e senhoras e armarinho os quaes são importados directamente da Capital Federal e das

principaes praças da Europa.

Mantem esta casa uma secção de Alfaiataria e perfumarias dos melhores fabricantes, que vende a preços reduzidos.

ESPECIALIDADES EM ARTIGOS PARA HOMENS E SENHORAS

Todos ao PARC ROYAL de

B. XAVIER & COMP.



A Avenida

S. LUIZ, 3 DE OUTUBRO, DE 1909



Assinaturas:

Capital	MENSAL	800 rs.
	SEMESTRAL	4.500 rs.
	ANUAL	8.000 rs.

NUMERO AVULSO 200 RS.

SEMANARIO
ILUSTRADO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

—NOS—

ESCRITÓRIOS D'A REVISTA DO NORTE

—Praça João Lisboa—

Rétas e Curvas

Uma onda de luz alvissima escorrendo do céu, uma onda de luz azulada, jorrando dos focos incandescentes, uma onda de sorrisos avermelhando nas bocas e fuljindo nos olhos, eis o passeio de domingo. Porque o passeio do domingo proximo, foi o mais alegre de todos.

Alegre o luar, na sua ternissima pulverização luminosa; alegre a luz, onde um pouco de anil se desfazia num pouco de leite; alegres os sorrisos, rebrilhando no coral da boca, no qual, como nas romãs maduras, perolazinhas alvejavam.

Isso, está claro, não nas bocas onde ha asperezas escuras ou flavas de um bigode rapado ou não.

Conversava-se alacrememente e havia rizes francos.

O verde-humido das arvores esmaecia sob a luz e uns arrepios de gozo pareciam sacudir-lhes as folhas mûrmuras.

A simplicidade dos trajes punha manchas claras no espaço mais farramente iluminado.

Não ha, de certo, para estas candidas noites de plenilunio, como os vestidos brancos.

Dá-se, aos olhos de quem os fita, a fuzão do branco opaco dos tecidos com o branco refulgente da luz.

Até os olhos que passam sorriem.



Corrêa de Araujo—Da Academia Maranhense, Officina dos Novos, Universidade Popular Maranhense, do «Sistema» e... da Federação Espirita.

E' secretario da Instrução Publica e do Liceu Maranhense. Fêz, ha pouco, uma excursão á sua terra natal, Pedreiras, tomando parte numa festa de nupcias. Os seus formosissimos livros de versos *Harpas de fogo* e *Evanjelho de mão*, e os vibrantes panfletos *Pela Patria* e *A tirania* puzeram-no em destaque como um dos mais rebrilhantes talentos da moderna geração.

Na boca, nos olhos e nos cabelos brancos.

Porque, como, os rios e os ribeiros sorriem no seu sussurro d'agua, as arvores no seu murmurio de folhas, e a luz no seu brilho, sorriem

os cabelos brancos, quando a claridade os toca.

E' o sorrizo rebrilhante.

Alegrem-se, talvez porque a luz que sorri tem a sua côr.

E, nessa mistura de brancura e luminosidade, a alma e o coração branquejam e iluminam-se...

Bela noite !

Que as noites dos domingos que veem venham sempre assim: brancas, luminosas e alegres. — D. B.

Cartas ao Chico do Prado

POR CAZUZA DA CONCEIÇÃO

*Meu caro amigo e compadre,
E' esta a terceira vez
Que uma missiva lhe envio;
Você nenhuma me fez.*

*Esta, porém, meu amigo,
Vou fazer muito apressado,
Pois me acho aborrecido,
Desde domingo passado.*

*A convite de uns amigos
Fui á festa em S. Jozé;
Vizitei a bela ermida,
Abrigo de crença e fé.*

*E, durante a travessia,
Que fizemos, no vapor,
Foi sempre meu companheiro
O joven Tenente Heitor.*

*Rapaz do mais fino trato,
Uma das glórias da Armada,
De quem sou hoje, compadre,
Um amigo e camarada.*

*A bordo do «Marahú»,
Vapor em que viajamos,
Na mais cativante proza
Bem boas horas passamos.*

*Tambem encontrei a bordo
O doutor Raul Pereira,
Que a nós se juntou gostoso,
Fazendo a perna terceira.*

*Compadre, a bordo imperava
O dominio da cachaça;
Uma gritaria horrenda
Muito disterio e chalaça.*

*Estava o Zé povo em festa,
Ao som de gaita e pandeiro;
E o maxixe se exhibia,
Num quebrado brasileiro.*

*Era tal a algazarra
Que o Ze povo então fazia
Que lhe juro, meu compadre,
Ali nem Christo dormia.*

*Emfim chegamos ao porto,
A nossa troupe saltou,
E, sem perda de um instante,
Toda a festa revirou.*

*Nós vimos, então, compadre,
—Um bem dançado carôgo
Por uma linda crioula
De mantilha no pescoço.*

*Juntando côco no chão
Suspendia-se p'ro ar,
Cantando: Criança chora
Sómente se quer mamar...*

*E o Zé povo respondia:
Ajunta côco no chão...
E a crioula se quebrava,
Ao toque do violão.*

*Compadre, aquillo é que é festa,
Quem não foi lá—chupe um osso...
Nada ha que se compare
Ao quebrado do carôgo...*

*Maxixe pucha mexido
Carôgo peneira só...
Compadre, ao ver tudo aquillo,
Lembrei-me de minha avó*

*Que no seu tempo, contava,
Não perdia tal função,
Por maxixe—dava a vida,
Por carôgo—o coração.*

*Ah ! compadre se eu o visse
Na festa de S. Jozé !
Como nós outros, faria
Faria seu rapapé...*

*Em meio aquelles quebrados,
Das danças no remexer...
Ali, compadre, nem Santo
E' capaz de se conter...*

*E o tempo passou ligeiro,
Sem quase a gente sentir
Apenas raio a aurora,
A missa fomos ouvir.*

*Na igreja era o contrario:
Ao som de hinos suaves,
Todo o povo ouvia a missa
Do sizudo padre Chaves.*

OS ARMAZENS

DO

Grande Chic

Acham-se abarrotados de todos os artigos de sua especialidade e por esse motivo, e mesmo seguindo a norma estabelecida desde o início da caça, os seus proprietários estão resolvidos a não olhar para lucros.

Tudo será vendido apenas com a comissão dos fabricantes.

Queiram não realizar as suas compras sem primeiro visitar o

GRANDE CHIC

RUA DE NAZARETH, 44

TELEPHONE, 106

SYPHONS PRANA SPARKLETS



APPARELHO

INDISPENSÁVEL EM CASA DE

FAMÍLIA

Commodidade, Promptidão e Asseio !!!

1 Apparelho com 1 tubo de Sobresalente	5.000
1 Caixa com 12 cartuchos	2.000
12 Caixas com 144 cartuchos	20.000

A DINHEIRO

GRANDES DESCONTOS

PARA VENDAS AVULTADAS

A VENDA NOS

Armazens Teixeira

Secção de Typogravura



BACANTE



ARREDORES DE S. LUIZ—Entrada da Fonte do Bispo

*S. José lá do seu nicho,
Via aquella contrição,
O templo, porém, deserto,
Ficára, si o violão*

*Tornasse a gemer, no largo,
Com a ancia, com o mesmo ardôr:
Quem sabe se não iria
Na frente o proprio pastor ?*

*Mas qual, compadre, o carço
Não gemeu no largo, não;
Todos ficaram na igreja,
Na mais firme devoção.*

*Após a missa, na porta
Da bela ermida troquei
As medalhas que lhe envio,
Medalhas de ouro de lei.*

*E' um presente que enria
Da comadre á devoção
O seu compadre saúdoço*

CAZUZA DA CONCEIÇÃO.

Fitas locais

MARTE E O ARROZ

Personajens: GOMES, amanuense apozentado, e VASCO, industrial arremediado.

Num banco da Praça João Lisboa, á noite.

GOMES.—Olha o planêta Marte. Que beleza !

VASCO.—Para mim não é novidade. Vejo-o sempre...

GOMES, *admirado*. — Quê ? ! Com tamanha intensidade de brilho ? Olha que o Flammarion, num luminoso artigo de *Le Journal*, de 21 de agosto ultimo, disse que o planêta Marte está, na época presente, no exercito das estrêlas, inteiramente excepcional para a observação e que sómente daqui a quinze anos o veremos aproximarem-se de nós em identicas condições. Em todos os observatórios, agora, os telescopios estão assestados

em bisbilhotar o que vai lá pelo mundo marciano.

VASCO.—E eu aqui, no mundo terrestre, a sondar uma mina, uma mina, Gomes, maior que as do Grajahú, do Maracassumé ou do Felinto Cutrim, no Itapari.

GOMES, *espantado*. — Mina, aqui, na capital ? !

VASCO.—Olé, é o que te digo. (*Exullando.*) Vou estabelecer uma fábrica de arroz !

GOMES, *troçando*. — Ora casca outra, que esta não valeu ! Então achas que, montando essa pinóia, terás uma mina ?

VASCO.—Não retiro a frase. E' uma mina, e dum valor estupendo.

Estou com todo o historico da cultura do arroz no Maranhão, desde a sua geneze até á epoca presente. Data de 1765 a introdução, na provincia, do arroz branco de Carolina para substituir o vermelho ou dito de Venêza. No mesmo ano, veio de Lisboa, mandado buscar pela Companhia Geral de Comercio, o mecanico José de Carvalho, para estabelecer fábricas de descascar arroz, sendo a primeira que se fundou situada nas margens do Anil. No ano de 1776, foram exportados para Lisboa, pela primeira vez, 285 arrobas de arroz de Carolina.

GOMES, *sorrindo*. — E ficou nessa quantidade...

VASCO.—Estás muitissimo enganado. A industria progrediu duma maneira admiravel, invejavel, pasmoza. Por toda a cidade e cercanias havia, até 30 annos atraz, fabricas de arroz, em *magna quantitate*. No Tamancão, no Vapor, em Vinhais, no Desterro, no rio das Bicas, no João Paulo, no Filipinho, na Maioba e na Maiobinha, no Cutim, em Santiago, no Medeiros, na Currupira, por todos esses recantos afóra, sem contar o interior, se alastravam as fabricas de arroz.